

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO EM CIÊNCIAS DA
SAÚDE E DO MEIO AMBIENTE
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

ANGÉLICA APARECIDA SILVA ARIEIRA

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL
PARA ESTUDANTES: JORNALISMO COMO ESTRATÉGIA
PEDAGÓGICA**

VOLTA REDONDA

2013

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO EM CIÊNCIAS DA
SAÚDE E DO MEIO AMBIENTE
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL
PARA ESTUDANTES: JORNALISMO COMO ESTRATÉGIA
PEDAGÓGICA

Dissertação apresentada à Banca de Defesa do Curso de Mestrado em Ensino das Ciências da Saúde e do Meio Ambiente do UniFOA, como requisito de avaliação para o grau de Mestre.

Aluna: Angélica Aparecida Silva Arieira

Orientadora: Prof^a.Dr^a. Cristina Novikoff

VOLTA REDONDA

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A698r Arieira, Angélica Aparecida Silva.

Representações sociais de educação ambiental para estudantes: jornalismo como estratégia pedagógica / Angélica Aparecida Silva Arieira – Volta Redonda, RJ: UniFOA, 2013.

85 p

Dissertação (Mestrado Profissional) – Centro Universitário de Volta Redonda. Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde e Meio Ambiente.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristina Novikoff.

1. Educação ambiental. 2. [Representações Sociais](#). 3. [Jornalismo](#). I. Novikoff, Cristina. II. Título.

CDD 304.2

Gabriela Leite Ferreira -- CRB 7/RJ - 5521

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aluna: Angélica Aparecida Silva Arieira

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA
ESTUDANTES: JORNALISMO COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA

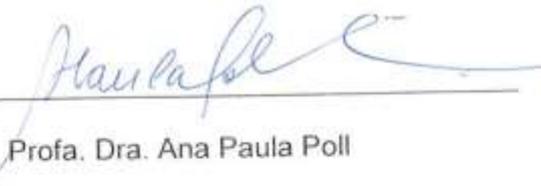
Orientadora:

Profa Dra Cristina Novikoff

Banca Examinadora



Profa Dra Cristina Novikoff



Profa. Dra. Ana Paula Poll



Profa. Dra. Rosana Aparecida Ravaglia Soares

A Deus por tamanha generosidade e paciência.

À minha família, amigos, alunos e ainda a minha querida orientadora fonte de força e sabedoria.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às pessoas que ajudaram nesta pesquisa, à escola que abriu suas portas e aos alunos que fizeram deste trabalho possível.

RESUMO

A legislação brasileira prevê por meio dos PCN's o estudo da Educação Ambiental (EA) nas escolas brasileiras desde a década de 90. No entanto, o que se via empiricamente era que embora houvesse legislação determinando a inclusão da EA como tema transversal nos currículos, o real entendimento destes conhecimentos pelos alunos pouco se fazia valer. Esta pesquisa teve como objetivo avaliar, se havia falhas na captura e compreensão do que seria a Educação Ambiental por estudantes do segundo segmento da Educação Fundamental. O cenário eleito para tal pesquisa, de natureza qualitativa, foi a Escola Municipal Prefeito José Juarez Antunes, situada em Volta Redonda, no estado do Rio de Janeiro. Com este público pretendeu-se por meio de questionários e entrevistas gravadas avaliar e compreender os valores a partir das representações sociais que os estudantes delinearão sobre Educação Ambiental. Em seguida, pesquisou-se também, por meio de entrevistas, os transeuntes de feiras livres da mesma cidade, para que daí se pudesse estabelecer um paralelo entre eles. Buscou-se saber o que os públicos estavam sabendo sobre EA em decorrência da escola e em decorrência da mídia. A proposta em desvelar os valores contidos nas representações sociais frente à EA por estudantes e em comparação ao público externo (transeuntes) observou-se que estes são mais entendedores das práticas ambientais. Por isso, sustentou-se a ideia da criação de um produto para ser trabalhado na escola que adotasse técnicas midiáticas e jornalísticas (Proposta da Educomunicação). O produto teve como intenção ser uma ferramenta didático-jornalística de caráter focal, ou seja, tendo como público alvo os adolescentes do 9º ano do Ensino Fundamental da escola pesquisada. A proposta deste estudo, em desenvolver um produto na forma de programa de TV, que pudesse traduzir massivamente os conceitos científicos de Educação Ambiental de forma mais simples e direta, foi alcançada.

Palavras-chave: Representações Sociais; Educação Ambiental; Jornalismo.

ABSTRACT

Brazilian law provides through the NCP's the study of Environmental Education (EE) in Brazilian schools since the 90s. However, what I saw was empirically that although there was legislation mandating the inclusion of EE as a crosscutting theme in the curriculum, the real understanding of this knowledge the students had little worth. This research aimed to evaluate if there were failures in capturing and understanding of what would be the Environmental Education for students of the second segment of Fundamental Education. The scenario chosen for this research, qualitative, was the Municipal School Juarez Mayor José Antunes, located in Volta Redonda, State of Rio de Janeiro. With this audience sought by means of questionnaires and recorded interviews to assess and understand the values from the social representations that the students outlined on Environmental Education. Then also researched through interviews of passers-fairs of the same city, so that there could be established a parallel between them. We sought to know what the public were told about EE due to school and as a result of the media. The proposal in unveiling the values contained in the social representations against EE by students and compared to external audiences (bystanders) noted that these are more connoisseurs environmental practices. Therefore, it was argued the idea of creating a product to be worked in school to adopt technical and journalistic media (proposal Educommunication). The product was intended to be a teaching tool-journalistic focal character, ie, having as target the teens in 9th grade of elementary school researched. This study aims at developing a product in the form of TV program, which could massively translate scientific concepts of Environmental Education in a more simple and direct, was achieved.

Keywords: Social Representations; Environmental Education; Journalism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
2.1 A Teoria das Representações Sociais.....	17
2.2 Educação Ambiental: caminhos percorridos.....	17
2.2.1 Conceituação de Educação Ambiental.....	19
2.3 Educomunicação	22
2.4 Jornalismo.....	25
3 DIMENSÃO TÉCNICA.....	26
3.1 Descrição do estudo	30
3.2 Sujeitos: amostragem cruzada.....	30
3.3 A coleta de dados	31
3.4 Aspectos éticos da pesquisa	32
3.5 Análise dos dados	33
4 DIMENSÃO MORFOLÓGICA.....	34
4.1 Descrição do estado do conhecimento.....	36
4.2 Descrição dos questionários dos estudantes.....	36
5 DIMENSÃO ANALÍTICO-CONCLUSIVA.....	37
5.1 Análise	52
5.2 Cruzamento de dados dos estudantes com transeuntes.....	58
5.3 Produto	61
5.3.1 Detalhamento do produto.....	64
CONCLUSÃO	66
REFERÊNCIAS	68
ANEXOS.....	72
APÊNDICES.....	75

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1: Descrição dos sujeitos da pesquisa.....	33
Quadro 2: Categoria de valorização adaptado de Novikoff por Arieira	35
Quadro 3: Conversão das dimensões de conhecimento em valoração.....	35
Quadro 4: Matriz do questionário semiestruturado: dimensões de conhecimento sobre E.A. com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.....	38
Quadro 5: Questão sobre conteúdo mais visto na escola sobre a matéria de Ciências.....	39
Quadro 6: Distribuição das respostas por categorias sobre as práticas de E.A. adotadas pelos estudantes.....	41
Quadro 7: Respostas dos estudantes sobre o uso do óleo de cozinha que não serve mais para cozinhar.....	43
Quadro 8: Distribuição das respostas por categorias dos estudantes sobre o descarte de seus restos após o lanche	44
Quadro 9: Distribuição das respostas para categorias dos estudantes sobre o descarte de pilhas e baterias que não usa mais	45
Quadro 10: Matriz do questionário semiestruturado: dimensões de conhecimento sobre educação ambiental com transeuntes de feira-livre.	46
Quadro 11: Respostas dos transeuntes sobre o que saberiam dizer sobre sustentabilidade	47
Quadro 12: Respostas dos transeuntes sobre o que acreditam que iria acontecer com o Planeta	49
Quadro 13: Respostas dos transeuntes sobre o que homem pode fazer para cuidar do Planeta	50
Tabela 1: Distribuição das respostas por categorias dos transeuntes sobre o que o homem pode fazer para cuidar do planeta.....	51

LISTA DE GRÁFICOS E FIGURAS

Gráfico 1 - Distribuição do levantamento de dissertações Capes.....	37
Gráfico 2 - Distribuição das respostas dos estudantes acerca do conhecimento sobre o que seria a Educação Ambiental.....	40
Gráfico 3 - Distribuição das respostas dos transeuntes na categoria positiva e negativa acerca do que acreditavam que irá acontecer com o Planeta Terra.....	48
Gráfico 4 - Categorização das respostas dos transeuntes nas categorias encontradas.....	48
Figura 1 - Proposta de cartaz de divulgação do programa.....	65

LISTA DE SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FOA – Fundação Oswaldo Aranha

IES – Instituição de Ensino Superior

LDB – Leis Diretrizes e Bases da Educação

MEC – Ministério da Educação e Cultura

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

ProNEA - Programa Nacional de Educação Ambiental

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação a Ciência e a
Cultura

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice 1 - Entrevista - Questionário Sociocultural - Estudantes	75
Apêndice 2 - Entrevista - Questionário Sociocultural – Transeunte de feira livre	77
Apêndice 3 - Roteiro 1 – Ecopensante: Episódio Amor descartável.....	79

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1: Parecer do CEP	72
Anexo 2: Tabela de Análise das Dimensões Novikoff.....	74

INTRODUÇÃO

A legislação brasileira prevê por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) o estudo da Educação Ambiental (EA) nas escolas brasileiras desde a década de 90 (Lei N° 9.795 – Lei da Educação Ambiental). Com a intenção de levar o tema para os bancos escolares formais, o governo criou políticas de inclusão do tema nas matrizes da Educação Fundamental e também no conteúdo de disciplinas do Ensino Médio.

A perspectiva da educação ambiental, segundo Dansereau (1999) tem como objetivo tornar os indivíduos sensíveis à importância do patrimônio histórico e ecológico, promovendo a aprendizagem através da vivência e do contato direto com a natureza. Estimular a mudança de ações por meio do entendimento dos entraves e potencialidades de cada um, e o desenvolvimento da consciência ética, que permitem a promoção do entendimento e respeito das pessoas para consigo próprias e para com o planeta compreendendo-se como coexistentes e interdependentes.

Entendendo-se a Educação Ambiental na lógica de Dansereau é que se pontua sê-la necessária para a formação de um cidadão consciente ambientalmente e, por tanto, ético. Vale esclarecer que a ética, enquanto “teoria” do comportamento social ou profissional está pautada por normas e valores. Assim pretendeu-se uma pesquisa onde se pudesse avaliar os valores norteadores do saber e fazer dos estudantes frente à Educação Ambiental, à partir das representações sociais.

O estudo foi organizado de acordo com as dimensões Novikoff (2010), que nortearam a estruturação de todo o conteúdo exposto. Esta dissertação está subdividida em dimensão epistemológica, dimensão teórica, dimensão técnica, dimensão morfológica e dimensão analítico-conclusiva.

A dimensão epistemológica diz respeito às intenções e pressupostos de pesquisa, ou seja, objetivou-se identificar as representações sociais acerca de educação ambiental para estudantes do ensino fundamental (9º ano). Daí compreender os valores e se os alunos reconhecem os conteúdos de Educação Ambiental e se os mesmos os colocam em prática.

Este objetivo inicial tem como aplicação a criação de um programa de TV em formato seriado com vias no jornalismo/entretenimento, como instrumento didático-pedagógico.

Considerando que além de determinar a obrigação de se trabalhar conteúdos de Educação Ambiental nas escolas, a legislação vigente prevê que todos os profissionais da educação nacional apliquem conhecimentos referentes à EA, independente da disciplina que ministrem ou do ano serial em que atuem. Nesta perspectiva, ao menos em tese, era de se esperar que estudantes do segundo segmento do Ensino Fundamental tivessem tido algum contato com conteúdos de Educação Ambiental na vida e em suas relações sociais, enquanto sujeitos pró-ativos.

Neste sentido, reconhecer qual/quais as representações sociais e os valores que as sustentam pode colaborar no entendimento das melhores estratégias de ensino-aprendizagem para formação de sujeitos ecológicos (estudantes). Logo, esta dissertação foi direcionada com base na Teoria das Representações Sociais – TRS de Sèrge Moscovici (2003).

A dimensão teórica enquanto primeiro capítulo está subdividido em quatro tópicos que delimitam o presente texto. Aborda a TRS; Educação Ambiental; Educomunicação e Jornalismo. O primeiro tópico apresenta a teoria das Representações Sociais e sua área de análise dentro desta pesquisa que se valeu basicamente de Moscovici (2003), e seus seguidores para calcar a defesa desta dissertação. O subitem seguinte fala da Educação Ambiental E.A., os caminhos por ela percorridos e das diretrizes que fazem dela necessária dentro do ambiente escolar. Neste espaço que se desdobra também na conceituação de E.A. também foram abordadas questões e como o processo educacional deve levar em conta a realidade do educando, suas particularidades e representações sociais. Em seguida se fala da educomunicação e suas propostas. Este subitem desdobra-se para que se apresentem as atribuições jornalísticas e alguns teóricos que explicam a força da Mídia, em especial da TV, na construção de conhecimento. Fala-se ainda da funcionalidade jornalística como forma de aproximar a informação do público e da facilidade da comunicação social/jornalismo em moldar a informação sendo capaz de adequá-la ao entendimento de seu receptor. Apresenta-se também o jornalismo

como possibilidade de apoio didático em se tratando em especial dos conteúdos de Educação Ambiental.

A dimensão técnica delinea o terceiro capítulo apresentando, a metodologia de pesquisa realizada. Nela se descreve a abordagem qualitativa eleita. A estrutura da pesquisa de campo teve como foco entender quais as representações sociais dos alunos do segundo segmento da Educação Fundamental acerca da Educação Ambiental adotando a abordagem por entrevista gravada e escrita. Assim, aos estudantes foram feitos questionamentos no sentido de saber como anda a abordagem da EA dentro da sala de aula e se há influência da mídia na sua formação.

Além de estudantes também se pesquisou as representações sociais de transeuntes de feira-livre, com o objetivo de traçar um paralelo entre o que se sabe fora dos ambientes escolares sobre o tema (Educação Ambiental) e o que é retratado pelos estudantes em seus discursos. Também se procurou identificar como a mídia e a escola contribuiu para estes entendimentos.

Focou-se nestes grupos em decorrência da facilidade de acesso aos alunos da escola pesquisada. Além disso, se procurou focar em estudantes do último ano do ensino fundamental uma vez que estes tem a disciplina de Ciências como lócus da discussão ambiental. Já em se tratando dos transeuntes procurou-se de maneira aleatória encontrar pessoas com características pouco comuns (grau de instrução, renda, faixa etária) para dar uma amplitude de como os cidadãos fora do ambiente escolar recebem e valoram os conhecimentos relacionados à Educação Ambiental.

A dimensão morfológica é descrita no quarto capítulo onde se expõem os resultados obtidos nas pesquisas de campo, através de quadros e narrativas. Os dados ali descritos pontuam a importância e valor do produto eleito para este estudo que se defende em atendimento ao que propõe a Educomunicação.

A dimensão analítico-conclusiva, o quinto capítulo, articula os dados à teoria para fomentar a discussão proposta. Numa manutenção de relação entre a análise e a teoria, se expõem as conclusões chegadas nesta dissertação. São levantadas reflexões e, por fim, se apresenta o produto proposto.

A partir da compreensão das representações sociais que estudantes e pessoas em aleatório têm sobre o conteúdo da Educação Ambiental se pôde propor finalmente uma ferramenta didático-jornalística, que poderá ser utilizada em aulas de ciências ou em qualquer outra disciplina para promover a democratização do saber sobre Educação Ambiental.

Vale ressaltar que o produto proposto por esta dissertação pretendeu ser utilizado em potencial na escola pesquisada (Escola Municipal Prefeito José Juarez Antunes, Volta Redonda – Rio de Janeiro), mas poderá ter a utilização ampliada frente o interesse do município e/ou outros canais replicadores.

2 DIMENSÃO TEÓRICA - REVISÃO DA LITERATURA

2.1 A Teoria das Representações Sociais

A fim de compreender os sentidos atribuídos à Educação Ambiental pelos estudantes e por populares, optou-se pelo uso da Teoria das Representações Sociais. Entende-se que por meio desta teoria se poderia compreender, de modo mais acurado, como a Educação Ambiental é percebida, explicitada e influente na vida dos indivíduos pesquisados.

Sèrge Moscovici foi quem deu forma ao que se chama hoje de “Teoria das Representações Sociais”. Este conceito surgiu em 1961 do resultado de pesquisas embasadas em outros teóricos, tais como Durkheim, Piaget e Freud.

Para que se consiga explicar o que são as representações sociais e por que se calcou este estudo com os conceitos atribuídos às mesmas remete-se a Franco (2004) que as classificou como:

[...] elementos simbólicos, que os homens expressam mediante o uso de palavras e de gestos. No caso de uso de palavras, utilizando-se da linguagem oral ou escrita, os homens explicitam o que pensam, como percebem esta ou aquela situação, que opinião formulam acerca de determinado fato ou objeto, que expectativas desenvolvem a respeito disso ou daquilo... e assim por diante (FRANCO, 2004, p.170).

Entende-se desta forma que o indivíduo utiliza-se da linguagem verbal ou não verbal para demonstrar mesmo que involuntariamente o que pensa, no que acredita e como se comporta. As mensagens emitidas são assim como elucidou Moscovici: as representações sociais.

Tais mensagens são construídas ao longo da vida de cada indivíduo e se alternam como se alterna a concepção do ser sobre si mesmo. No entanto, emitem a posição fiel e de maneira concreta do indivíduo tal qual ele é, ou se demonstra, em determinado momento de sua vida.

Obviamente as representações sociais são construídas por meio das relações sociais e se formam com base em dois processos: o de objetivação e o de ancoragem (ALMEIDA; SANTOS; TRINDADE, 2011).

A objetivação acontece quando o indivíduo consegue compreender um conceito, em especial falamos do científico, e transformá-lo de uma maneira mais simples, concreta e clara em algo palpável. Uma idéia que seja facilmente consultada mentalmente sem grandes dificuldades e possa até ser repassada de forma razoavelmente competente. Trata-se de traduzir às teorias científicas para que sejam facilmente compreendidas no senso comum.

De certo não se pode negar e já afirmava Moscovici, a concretização do saber será diferente de indivíduo para indivíduo. Cada qual se apropriará de referências sociais para decodificar os conceitos, cada qual se valerá de suas próprias e anteriores já adquiridas representações para se valer do entendimento.

Em se tratando da ancoragem a questão perpassa o entendimento, vai além. Ainda segundo os autores citados, “a ancoragem implica que os traços da teoria inicial, que constituem a base figurativa de sua representação, variem de acordo com os conhecimentos de pessoas”, ou seja, quando o indivíduo está de acordo com o significado dado a teoria vai utilizá-la de acordo com seus princípios e suas identidades. Mas caso não haja convencimento desta teoria o indivíduo a negará.

Aqueles cuja teoria científica põe em questão os conhecimentos e as crenças, vão se apoiar mais em suas próprias terminologias, de modo a poder acolher os traços da teoria inicial em outro quadro de referência. Por consequência a informação científica é mais transformada quando ela se choca com as identidades e diverge dos saberes nos quais ela deve ser incorporada, do que apenas quando ela os confirma e os preserva (CLEMENCE, et. al. *apud* ALMEIDA; SANTOS; TRINDADE, 2011, p.187).

A pesquisa nesta perspectiva pretendeu se valer da capacidade de ancoragem de conceitos para que, desta maneira, se criasse um instrumento que possa de fato contribuir para a efetivação de práticas ambientais, bem como de objetivação que

[...] une a ideia de não-familiaridade com a realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade. Percebida primeiramente como um universo puramente intelectual e remoto, a objetivação aparece, então, diante de nossos olhos, física e acessível (MOSCOVICI, 2003, p.71).

A objetivação promove a transformação de uma ideia, de um conceito ou de uma opinião em algo concreto. Daí pontuar que a objetivação ser uma atividade figurativa que dá forma ao conhecimento de um objeto.

O propósito deste trabalho fundamentou-se na ideia de compreender as representações sociais de educação ambiental para gerar um instrumento educacional que pudesse ser capaz de dar concreto entendimento sobre as atividades ambientais. O instrumento proposto teria como razão fazer com que o estudante percebesse a verdadeira necessidade de praticar atividades ecologicamente corretas, a ponto delas se fazerem presentes cotidianamente em suas vidas.

Sabendo-se que as representações sociais são formadas a partir de ações individuais e coletivas, entende-se que o trabalho com a Educação Ambiental nas escolas também deve ser capaz de fazer com que o indivíduo se visualize como agente transformador e construtor de um ambiente mais saudável, não somente na teoria, mas também na prática percebida e oculta de suas ações.

2.2 Educação Ambiental: caminhos percorridos

Mas em que contexto surge a Educação Ambiental, segundo os estudiosos desta área? Reigota (2007) faz um breve histórico dos primeiros momentos de discussão sobre a necessidade de se implementar meios didáticos sobre as problemáticas ambientais.

Ele lembra que somente a partir de 1968, depois da reunião do clube de Roma e posteriormente da Conferência de Estocolmo é que acontece um diálogo mundial sobre a temática. Mas somente em 1975 é que a Unesco, começou a divulgar e promover a Educação Ambiental, já que foi o órgão que recebeu a atribuição para tal depois das primeiras discussões promovidas a respeito.

Segundo Genebaldo Dias (1992), nesta ocasião, muito pouco se pode perceber de discussões desta natureza no Brasil:

A situação do Brasil foi a mesma da grande maioria dos países pobres, ou seja, justamente onde a EA seria mais necessária, dadas as cruéis realidades sócio-econômicas ali instauradas, sob a égide de modelos de desenvolvimento impostos, de notória capacidade de degradação da qualidade de vida, a EA não se desenvolveu o suficiente para ser capaz de produzir as transformações necessárias (DIAS, 1992, p.27).

Somente na década de 80 é que a consciência da necessidade de inclusão de temáticas ambientais e de proteção ambiental passou a existir entre as discussões e planos pedagógicos brasileiros.

Vale lembrar que, com o propósito principal de sensibilizar a coletividade para que o cidadão se sentisse e fosse parte atuante na manutenção do bem-estar ambiental, em 1948 se estabeleceu um decreto legislativo federal. Inicialmente, o documento memorava a necessidade da preservação da natureza e suas diversidades. Mas ratifica-se que somente em agosto de 1981 é que foi instituída a Política Nacional do Meio Ambiente, por meio de lei, onde se fez pela primeira vez o uso dos termos Educação Ambiental.

A Constituição Federal de 1988 traz em sua composição a garantia a todos os cidadãos de um “meio ambiente ecologicamente equilibrado”. Nesta situação fala ainda que a E.A. precisa ser promovida.

O Ministério da Educação na tentativa de cumprir a Constituição determina no início da década de 90, mais especificamente em 1991, que os currículos escolares se adequassem às exigências temporais sociais e levassem em conta a criação de estratégias de E.A.

O Programa Nacional de Educação Ambiental - PRONEA (HAMMES, 2004) toma forma em 1994, sob forte intervenção, na ocasião do Ministro do Meio Ambiente e da Amazônia Legal, Henrique Brandão Cavalcanti (PEDRINE, 2001).

Somente no final da década de 90 (em 1997) é que os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's colocaram o Meio Ambiente como um tema transversal.

A legislação mais atual sobre E.A. é a datada de 1999. A Lei Federal 9795 institui critérios e determinações de como a prática educativa deste tema devia ser realizada em todo o Brasil. O real agente de transformação da Educação Ambiental no país foi o entendimento de que não bastava se falar do assunto, mas entrelaçá-lo a outros conteúdos. Outra questão que merece destaque é de que neste momento, entendeu-se que a E.A. devia ser uma prática permanente e indissociável da formação escolar, ou seja, devia estar presente desde a infância até a vida adulta do educando, levando em conta seus espaços e pré-conhecimentos.

Nesta perspectiva, é que se fundamentou esta pesquisa levando em conta que a atenção do educando é quase sempre condicionada ao fato de como o que é informado interfere em sua vida. O interesse sobre o assunto E.A., pressupõe-se, que está intimamente ligado à maneira e com quais ferramentas a informação é passada.

Reigota (2004) já falava da necessidade de se conhecer o sentimento, o conhecimento e o entendimento das pessoas sobre Educação Ambiental, antes de as mesmas serem “ensinadas”. Ele lembra que há uma série de definições que variam e são determinadas por interesses sociais, políticos, religiosos e outros e reitera que cada indivíduo tem a sua percepção específica sobre o ambiente.

[...] um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relações dinâmicas e em constante interação os aspectos naturais e sociais. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade. (REIGOTA, 2004, p. 21).

Dias (2002, p. 10) esclarece que o ser humano viveu e vive “como se fosse a última geração sobre a terra”. Imagens históricas declaram a falta da percepção humana quanto à depredação dos recursos naturais. Aí a necessária intervenção neste processo de descaso e ausência de consciência em relação à E.A.

A percepção do homem como dissociado da natureza não é algo que sempre ocorreu na história da humanidade. Segundo Grün (2007), até o século XVI, perdurou a visão grega clássica:

[...] para a qual não havia diferenciação entre os organismos, especialmente o humano, e a natureza: o homem era entendido como um ser com importância igual à de qualquer outro. Na idade Média, por volta do século XVI, o homem encontra-se em uma posição de subserviência a Deus, ou seja, tudo o que é da natureza ou do próprio mundo humano pertence a Deus. É na Idade Moderna, a partir do final do século XVII, que o homem, vendo-se como a imagem e semelhança de Deus, passa a entender-se como o centro do mundo: as capacidades inventivas e o acelerado avanço tecnológico observados neste período conferem a ele o *status* de “senhor do mundo, das coisas e da natureza”. É assim que, através das contribuições dos filósofos Bacon e Descartes, ao apresentarem as possibilidades de domínio sobre a natureza, o homem afasta-se dela e passa a dominá-la (GRÜN, 2007, p.9).

Na mesma obra Grün pontua qual deve ser a nova postura a ser adotada pelos professores em se tratando do trabalhar Educação Ambiental no Ensino Fundamental, ou seja, contrapor a postura de domínio da natureza.

Contrapor-se a essa visão pode ser um interessante caminho para ensinarmos as crianças sobre conservação e manutenção de todas as formas de vida do planeta Terra. Para isso, precisamos conhecer um pouco mais sobre a vida de cada ser para que nossas explicações pautem-se em fundamentos ecológicos, e não pragmáticos. (GRÜN, 2007, p.10)

2.2.1 Conceituação de Educação Ambiental

Se há de fato uma preocupação em se trabalhar tal tema nos ambientes escolares é imprescindível que se entenda o que é Educação Ambiental. Compreender o que deve e é possível fazer pedagogicamente para criar concepções crítico-analíticas sobre a atuação do homem em seu ambiente faz-se mister quando se quer levar aos educandos conceitos que se aproximam de suas realidades, fazendo dos mesmos sujeitos-ecológicos.

Dias (1992) traz em uma de suas obras as bases conceituais da EA explicitada nos subsídios técnicos da Comissão Interministerial para a preparação da Conferência das Nações Unidas, datada de julho de 1991, sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, em que a

[...] educação ambiental se caracteriza por incorporar as dimensões sócio-econômicas, política, cultural e histórica, não podendo basear-se em pautas

rígidas e de aplicação universal, devendo considerar as condições e estágio de cada país, região e comunidade, sob uma perspectiva histórica. Assim sendo, *a educação ambiental deve permitir a compreensão da natureza complexa do meio ambiente e interpretar a interdependência entre os diversos elementos que conformam o ambiente, com vistas a utilizar racionalmente os recursos do meio* na satisfação material e espiritual da sociedade no presente e no futuro.

Para fazê-lo a educação ambiental deve capacitar ao pleno exercício da cidadania, através da formação de uma base conceitual abrangente, técnica e culturalmente capaz de permitir a superação dos obstáculos à utilização sustentável do meio. O direito à informação e o acesso às tecnologias capazes de viabilizar o desenvolvimento sustentável constitui, assim, um dos pilares deste processo de formação de uma nova consciência em nível planetário, sem perder a ótica local, regional e nacional. O desafio da educação, neste particular, é o de criar as bases para compreensão holística da realidade (DIAS, 1992, p.32).

Remetendo-se mais uma vez a Reigota (2007), o autor define Educação Ambiental como

[...] uma proposta que altera profundamente a educação como a conhecemos, não sendo necessariamente uma prática pedagógica voltada para a transmissão de conhecimentos sobre ecologia. Trata-se de uma educação que visa não só a utilização racional dos recursos naturais (para ficar só nesse exemplo), mas basicamente a participação dos cidadãos nas discussões e decisões sobre a questão ambiental. (REIGOTA, 2007, p.10)

O autor vai além e define ainda qual o papel desta área de construção de conhecimento.

Considero que a Educação Ambiental deve procurar estabelecer uma “nova aliança” entre a humanidade e a natureza, uma “nova razão” que não seja sinônimo de autodestruição e estimular a ética nas relações econômicas, políticas e sociais. Ela deve se basear no diálogo entre gerações e culturas em busca da tripla cidadania: local, continental e planetária, e da liberdade na sua mais completa tradução, tendo implícita a perspectiva de uma sociedade mais justa tanto em nível nacional quanto internacional. (IDEM, p.11)

Saber lidar com a Educação Ambiental é algo que remete a algumas reflexões dentre elas como e com que especificamente trabalhar num universo tão amplo de possibilidades. É diante desta perspectiva pluralista do tema, por assim resumir a questão, que mais uma vez se remete à importância de reconhecer as representações sociais dos indivíduos que serão submetidos a estes conceitos, acerca da Educação Ambiental, para que aí sim se possa trabalhar conteúdos relevantes e com mais propriedade e indício de que serão assimilados, compreendidos e construir e reformatar novas ideias e, mais que isso, sujeitos ecológicos.

O diálogo, portanto, é parte fundamental na construção de estratégias de promoção de educação. Trazer a realidade do aluno, suas representações, para a discussão, seu entorno e sua atuação enquanto agente de possível transformação é algo a se considerar em todos os ramos da Educação, e não podia ser diferente em se tratando do viés Ambiental.

Paulo Freire (1987) ao falar da pedagogia dialógica mencionou as necessidades de se promover a interação entre os indivíduos no processo ensino-aprendizagem.

Se é dizendo a palavra com que, “pronunciando” o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens.

Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 1987, p.45)

Conhecer as representações sociais dos indivíduos para junto a eles produzir novas concepções, reflexões e atuações frente a seus grupos sociais faz-se, por tanto, primordial ao se pensar também em Educação Ambiental.

Além de Freire, Reigota (2007) também já aportava as interações comunicativas como importantes no processo de se fazer mudanças frente às problemáticas ambientais.

A participação do cidadão na elaboração de alternativas ambientalistas, tanto na micropolítica das ações cotidianas, como na macropolítica da nova (des) ordem mundial, exige dele a prática e o aprendizado do diálogo entre gerações, culturas e hábitos diferentes. (REIGOTA, 2007, p. 26)

2.3 Educomunicação

A intenção de atrelar Comunicação Social e mais especificamente uma de suas habilitações: o jornalismo, a esta pesquisa não ocorreu por acaso. A partir da intenção de utilizar-se do jornalismo para a produção de um conteúdo para a atuação pedagógica na área de Educação Ambiental, a pesquisa deparou-se com o conceito de Educomunicação defendido por Lima e Melo (2008) no artigo “Educomunicação e Meio Ambiente”.

O termo Educomunicação é um neologismo, ou seja, uma palavra nova, fruto da junção de duas outras já conhecidas – Educação e Comunicação. Porque une elementos característicos dessas duas ciências, mas ultrapassa seus limites, a Educomunicação vem sendo apontada como um novo campo do conhecimento.

[...]Estamos nos referindo à possibilidade de usar os mesmos meios de comunicação como verdadeiras ferramentas (igual a pá é para o pedreiro) para construir uma educação diferente dessa que criticamos. Usando computador, internet, equipamentos de rádio, de vídeo, ou outro qualquer, é possível às pessoas passarem de consumidoras de informação a produtoras de comunicação (LIMA; MELO, 2008, s/p)

A Educomunicação é uma linha de ação do Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA) que cuida da articulação de ações de comunicação para a Educação Ambiental. Em atendimento à lei 9795/99, da Política Nacional de Educação Ambiental, esta linha de ação tem como objetivo proporcionar meios interativos e democráticos para que a sociedade possa produzir conteúdos e disseminar conhecimentos, através da comunicação ambiental voltada para a sustentabilidade.

As ações desta linha são de dois tipos:

- ações estratégicas, que promovem a participação na produção de informação e conteúdos educativos e articulam resultados a longo prazo;

- ações continuadas de suporte.

Diante destas linhas, é válido explicitar que o produto desta dissertação atenderá a primeira linha estabelecida pela Educomunicação e em paridade como que determina o ProNEA.

2.4 Jornalismo

O jornalismo é entendido pelos seus, e por boa parte da sociedade, como o espelho da democracia. É normalmente associado à voz da sociedade. Muito embora se saiba que ele tem a função de porta-voz dos anseios populares também pode os criar e os amenizar. A questão toda é que: se há um objetivo pregado a todos os que querem esta profissão para suas vidas é de que o jornalista seria um agente de transformação social. A ele é atribuído respeito e credibilidade. Sua fala é tida quase sempre como verdade inquestionável aos olhos da sociedade. Sua mobilização é, portanto, incontestável para muitos, em relação a determinados temas.

O papel do jornalismo é tão importante, e aqui se abre, para a mídia como um todo, que uma das teorias de comunicação mais difundidas na área é a chamada de Newsmaking, cuja realidade “só é realidade se mostrada pela mídia”, obviamente a realidade construída. Pena (2005), em seu livro explica a teoria, totalmente aplicável a esta pesquisa:

O jornalismo está longe de ser o espelho do real. É antes, a construção social de uma suposta realidade. Dessa forma, é no trabalho da enunciação que os jornalistas produzem os discursos, que, submetidos, a uma série de operações e pressões sociais, constituem o que o senso comum das redações chama de notícia. Assim, a imprensa não reflete a realidade, mas ajuda a construí-la. (PENA, 2005, p.128)

O papel do jornalista enquanto agente social será sempre o de reportar. Reportar informações de interesse social, por esta questão, também pode ser chamado de repórter. Rossi (2005) escolheu em seu livro “O que é o Jornalismo”,

uma definição que embora apaixonada pode remeter perfeitamente a funcionalidade desta atividade comunicacional.

Jornalismo, independentemente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes. Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva: a palavra, acrescida, no caso da televisão, de imagens. (ROSSI, 2005, p. 7)

Com esta premissa se faz também a defesa desta dissertação. Se o papel do jornalismo é reportar informação, por que ele deve estar distante da escola que tem como também mote social o de ensinar? Entende-se ensinar como repassar, recriar, construir e promover o conhecimento. Adotando como estudo estas duas áreas pode-se dizer que o jornalismo será um parceiro da divulgação científica que se utilizando das representações sociais (dos seres pesquisados), auxiliará na promoção da Educação Ambiental.

Para que se construa o link entre estas três áreas: Educação Ambiental, representações sociais e jornalismo, irá se definir aqui o Jornalismo Científico. No artigo, “Jornalismo científico: o compromisso de divulgar ciência à sociedade”, os autores (RIOS *et al.*, 2005) já conceituavam que o jornalismo garante ao cidadão um de seus direitos fundamentais, o da informação:

Todo cidadão tem direito a conhecer os avanços da Ciência e Tecnologia. Por isso, o Jornalismo Científico tem como principal objetivo promover a divulgação da ciência ao homem leigo, ou seja, àquele que não possui conhecimento específico em determinadas áreas. O jornalista deve ser a ponte entre o cientista e o público não especializado, informando a comunidade a respeito das várias questões que envolvem ciência e suas aplicações. Além de ser “fiel tradutor” e adotar os critérios do jornalismo, ele deve cumprir algumas funções que são imprescindíveis (RIOS *et al.*, 2005, p.115).

Observa-se que o papel do jornalismo centra-se na importante função de informar ao cidadão e de fazê-lo conhecer os avanços da ciências, e obviamente, isso não excluí as práticas ambientais, propostas aqui em questão. Daí se ratifica a proposta do produto que se pretende criar com esta dissertação.

O jornalista que trabalha na área científica não deve se deter somente em publicar as informações factuais, mas também propor-se, através de temas que inspirem o debate de questões relevantes à sociedade, a formar a consciência coletiva do cidadão (RIOS *et al.*, 2005, p.115).

Entende-se que hoje uma das formas em que o jornalismo mais se abarca e ganha espaço é na TV. Valer-se das técnicas jornalísticas televisivas em prol da promoção da educação foi o objetivo do produto resultante desta dissertação.

Sabe-se que no meio acadêmico, até por orientações do Ministério da Educação e Cultura (MEC), há a defesa da televisão como recurso pedagógico a ser explorado e pensa-se que com técnicas jornalísticas este recurso possa maximizar a assimilação de conteúdos referentes à Educação Ambiental.

Castro (2010) lembra que Pfromm Netto, em 2001, já defendia a riqueza da televisão “como recurso pedagógico para o ensino aprendizagem e argumentava que a televisão pode oportunizar um tipo de aprendizagem que vai do extremamente simples ao complexo”.

Uma experiência visual em que o aprendiz detecta, esquadrinha e interpreta uma ou muitas organizações deliberadas de estímulos presentes na tela e retira destas experiências algum tipo de ensinamento que gera uma mudança mais ou menos duradoura no seu sistema nervoso, traduzido por expressões segundo as quais ele passa a saber, conhecer, entender, lembrar (PROFOMM NETTO *apud* CASTRO, 2010, p.71).

No entanto, mesmo que haja compreensão do potencial do vídeo e da televisão para a promoção do aprendizado há de se destacar que tais recursos ainda são pouco utilizados, talvez por alguns professores acreditarem que haja passividade dos sujeitos que são submetidos a tais recursos e pela ainda dificuldade de acesso a tais produções. Castro (2010) defende e levanta questões sobre a utilização destes meios de comunicação:

Se a televisão e o vídeo são ferramentas pedagógicas que podem proporcionar grande dinamismo e outras vantagens ao trabalho do professor, ou mesmo à educação em geral, cabe indagar o que estaria faltando para que, de fato, houvesse a utilização desses recursos. Vendo por outro viés, será que a subutilização da televisão e do vídeo estaria relacionada à ausência de uma cultura de consumo desses produtos no meio educacional? (CASTRO, 2010, p.72).

A passividade que o uso da televisão pode aparentemente gerar entre os estudantes cai por terra com a utilização da educomunicação, vez que os próprios indivíduos coauxiliam no processo de produção dos conteúdos. Nesta dissertação, os pesquisados orientaram o que desconheciam sobre E.A, e por isso seus discursos se fizeram presentes quando foi feita a escolha dos temas que inicialmente serão apresentados no produto desta dissertação.

Além disso, a confecção de todo material que culmina desta pesquisa teve participação também de estudantes, o que mais uma vez demonstra a não passividade em relação à apresentação do produto.

A criação de novas ferramentas de ensino é necessária na concepção desta dissertação, vez que para que se crie cultura em utilizar tais recursos tecnológicos para promoção do ensino aprendizagem é primordial que se forneça tais ferramentas. Daí parte-se do pressuposto da valia do produto resultante desta pesquisa para a escola em potencial pesquisada e como sua disponibilização de várias formas (vídeo, TV, DVD, youtube) poderá contribuir para com a propagação dos conteúdos de Educação Ambiental, não somente neste espaço, mas em todos os outros que por ventura for de interesse de educadores e educomunicadores.

3 DIMENSÃO TÉCNICA

Este capítulo tem por função explicar o procedimento metodológico e os métodos da pesquisa. Assim, elucida-se o significado de pesquisa, a seleção da amostra, as estratégias de coleta de dados e sua análise.

3.1 Descrição do estudo e alguns entendimentos sobre abordagem de pesquisa

O estudo se delinea nas dimensões Novikoff (2010) e se estrutura dentro do experimento qualitativo, definido por Creswell (2007) como aquele que emprega diferentes alegações de conhecimento, estratégias diversas de investigação e métodos.

Cabe esclarecer que em pesquisas qualitativas o que importa é o aprofundamento dos conteúdos e não dados numéricos, ou seja, análise subjetiva e interpretativa de dados. Também vale destacar que em tratamentos analíticos de dados, tais como a análise de conteúdo, é possível alcançar as representações sociais (foco do presente estudo) independente de sua quantidade. Defende-se estas ideias tal como Bauer e Gaskell (2002), pois se trata de estudo de um fenômeno do campo da subjetividade – a Educação.

Para guardar rigor e cientificidade, a pesquisa nas dimensões Novikoff (2010) busca atender aos critérios de validade conforme Anderson e Herr (1999), descritos por André (2001)

(a) validade externa: ou seja, que se julgue o valor dos resultados (ou da ação). Segundo eles é preciso verificar se o projeto culminou em uma ação e de qual natureza; (b) validade de processo: se a configuração do problema e os procedimentos utilizados permitem chegar aos resultados desejados e se as afirmações foram devidamente sustentadas; (c) validade democrática: se as múltiplas perspectivas e interesses dos participantes foram contemplados; (d) validade catalítica: se a pesquisa levou os participantes a conhecerem melhor a realidade para transformá-la; (e) validade dialógica: se houve iniciativa de busca do diálogo com os pares para discussão do problema e dos resultados da pesquisa (ANDRÉ, 2001, p.60).

As validades pontuadas por Anderson e Herr apareceram neste estudo em que as representações sociais surgem e dão pistas de uma formação dada a partir de ações individuais e coletivas.

3.2 Sujeitos

O estudo foi destinado aos estudantes de Ensino Fundamental do 9º ano e pessoas em aleatório que estivessem andando por feiras livres da cidade de Volta Redonda. Então, teve-se dois grupos. A saber: Grupo A: Alunos do 9º ano da Escola Municipal Prefeito José Juarez Antunes e; Grupo B: Transeuntes com mais de 18 anos e que já tenham passado pela formação escolar do ensino fundamental e que frequentam a feira livre que é realizada aos domingos, no Centro da mesma cidade (Vila Santa Cecília).

A escolha dos pesquisados foi aleatória, com uma amostra de 25 pessoas. Sendo 12 entre o grupo de estudantes e 13 entre o grupo de transeuntes. Importa apontar que a escolha dos alunos foi dada em função da abertura da escola para o estudo, guardando o interesse na criação de material didático-pedagógico para implementar a Educação Ambiental na referida unidade escolar. Este fator foi importante para a realização do estudo.

A escolha dos transeuntes de feiras se deu em decorrência de que é um público isento e que recebe a informação de forma pouco regrada. No geral, a maioria das pessoas se informa por meios de comunicação de massa (em especial a TV) e pelas escolas. Fontes de aprendizado não formal e formal, em que as representações sociais se constituem (MOSCOVICI, 2003). Assim, entendeu-se que 13 pessoas entre o grupo de transeuntes já dariam uma margem avaliativa suficiente para compreender como a Educação Ambiental é entendida e representada neste contexto, com e sem a influência escolar efetiva.

Apesar de a amostra ser composta por sujeitos de grupos distintos, a pesquisa verificou as representações sociais dos dois, sendo analisadas em separado. A tentativa foi de encontrar os elementos midiáticos presentes nestas. Com a constatação de tais elementos, foi possível compreender o papel do jornalismo na formação destas representações. Importa valorar este ponto, uma vez

que o produto consequente desta dissertação que se calca na Educomunicação é um programa jornalístico com viés de entretenimento.

3.3 A coleta de dados

O roteiro de entrevista cercou três dimensões: a primeira conceitual, onde questionou-se sobre o que o aluno sabe sobre o conteúdo que viu na sua escola em se tratando da matéria de ciências e quais as disciplinas que falavam sobre a E.A.; Segue a dimensão cultural, para esta, foram elaboradas questões para saber sobre quais projetos ligados à E.A. os estudantes conheciam e; na terceira dimensão, a aplicada, surgem questões sobre o que o sujeito faz que pode ser considerado uma atitude inteligente e de cuidados para com o ambiente.

Em relação aos transeuntes, buscou-se saber o que conheciam sobre sustentabilidade e suas expectativas futuras em relação ao Planeta Terra.

Com os adolescentes em fase escolar, avaliou-se o aprendizado sobre as questões ambientais. Com os transeuntes procurou-se saber o que os mesmos conheciam sobre o tema. A partir disso, estabeleceu-se um paralelo entre estes dois públicos, frente o papel da mídia na formação das representações sociais destes grupos. Tal comparativo permitiu entender se de fato, o conteúdo teórico vigente aplicado em sala de aula sobre Educação Ambiental é assimilado e se tem sido influente na vida dos estudantes, e se as informações constatadas foram de fato promovidas pela escola, ou não.

Em ambos os grupos foram encontrados indicadores do “sujeito ecológico” que está se formando em consequência do trabalho dos professores e da mídia. A amostra apesar de pequena poderá ser parâmetro para pesquisa futura em escala maior.

A coleta de dados foi feita por meio de gravação em vídeo e questionários semiestruturados.

Os dados serão apresentados em forma de quadros, bem como descrição de narrativas.

No primeiro contato com os transeuntes foram feitas perguntas relacionadas às práticas de Educação Ambiental de forma indireta. Não se pretendeu questionar o que é a Educação Ambiental, mas ações que seriam caracterizadas como sendo práticas desta área de conhecimento (Relação homem versus natureza – Homem versus homem).

Já com os adolescentes em fase escolar, avaliou-se o aprendizado sobre as questões ambientais e daí estabeleceu-se um paralelo entre estes dois públicos.

3.4 Aspectos éticos da pesquisa

Na oportunidade das entrevistas, a pesquisadora falou da pesquisa e convidou os participantes, esclarecendo da necessidade de assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.(Anexo 1).

Vale ressaltar que tal pesquisa teve parecer favorável no Comitê de Ética e Pesquisa, da Plataforma Brasil (Anexo 2). O parecer consubstanciado pode ser verificado ao fim desta dissertação e tal projeto recebeu a numeração a seguir para possível consulta: (CAAE: 05727512.6.0000.5237) e parecer 118.954-2.

Para garantir o anonimato dos sujeitos foram criados os códigos por ordem crescente de quantidade de sujeito, sexo e idade. Deste modo, temos a descrição dos sujeitos, conforme o quadro 1:

Quadro 1 - Descrição dos sujeitos da pesquisa

NÚMERO DE ORDENAÇÃO CRESCENTE	01 a 12 Estudantes 01 a 13 Transeuntes	
SEXO	F	FEMININO
	M	MASCULINO
IDADE	14 ou 15 ou >18	
EX. 02_F_14		
NÚMERO DA ORDENAÇÃO CRESCENTE_SEXO_IDADE		

Observa-se que a diferença entre os sujeitos estará na idade em anos. Os estudantes se encontram na faixa etária entre 14 a 15 anos de idade e os transeuntes acima de 18 anos de idade.

3.5 Análise dos dados

Uma vez com os dados em mãos procurou-se analisá-los à luz da frequência com que estes entrevistados demonstraram, muito, pouco ou nenhum conhecimento sobre questões ambientais.

O entendimento dos dados iniciais sofreu a análise de conteúdo (FRANCO, 2003) e a standardização pelo Excel, apenas para fins organizacionais e não de medida quantitativa.

A análise destes dados foi resultante do tratamento realizado sob a perspectiva de Bardin (2002). Por tanto foi realizada uma análise de conteúdo que é um conjunto de técnicas de análise das comunicações e trata-se, portanto, de uma técnica que não tem modelo pronto, mas que se constrói através de uma vai-e-vem contínuo e tem que ser reinventada a cada momento, conforme Bardin (1979, p.31). A análise de conteúdo se realiza em três momentos: a pré-análise, a exploração do material e identificação que há uma defasagem em termos de aplicabilidade de conceitos sobre Educação Ambiental.

As questões elaboradas para os sujeitos (estudantes e transeuntes) denotam algumas dimensões de conhecimento e se relacionam às categorias de valores adaptadas da Categorização de Valores das Dimensões Novikoff (2006) e podem ser sintetizadas no quadro 2.

Quadro 2 - Descrição da Categoria de valoração adaptado de Novikoff (2006) por Arieira - 2012.

VALORES	DESCRIÇÃO
Sóciorelacionais	Indicam como é e como se faz a relação social entre os sujeitos, incluindo as questões éticas. Esta categoria aponta uma reflexão do pensamento para o coletivo.
Normativos	Destacam os conhecimentos técnicos e normativos. Nesta categoria, os aspectos legais são evidenciados.
Identitários	Incluem os conhecimentos sobre as emoções, bem como a imagem de si e do outro. Nesta, a reflexão é em relação a si mesmo.
Gnosiológico	Incluem os conhecimentos e competências voltados para as disciplinas da escola, que o sujeito faz referência de conteúdos.
Movimentos sociais	Indicam conhecimentos dos movimentos sociais frente à Educação Ambiental, refletindo os objetos materiais/economia.

Após o levantamento das categorias de valores pode-se encontrar as representações sociais que são sustentadas por estes valores ou são geradas a partir destes valores. De outro modo, os valores geram ou são gerados pelas representações sociais. A passagem dessas categorias podem ser observadas no quadro 3 que ilustra quais conhecimentos são geradores de quais valores.

Quadro 3 - Conversão das Dimensões de Conhecimento em Valoração

Conhecimento da Dimensão Sócio-Afetiva	Conhecimento do sujeito sobre a Educação Ambiental	Conhecimento do sujeito com relação a disciplinas/currículo	Conhecimento do sujeito sobre as ações de EA	Conhecimento sobre o contexto
↓	↓	↓	↓	↓
Sóciorelacionais	Normativos	Identitários	Gnosiológicos	Movimentos Sociais/EA

4 DIMENSÃO MORFOLÓGICA

Neste capítulo serão apresentados os resultados da pesquisa em três subtópicos, a saber: 1) descrição do estado do conhecimento; 2) descrição do questionário para os estudantes e; 3) descrição das entrevistas para os transeuntes.

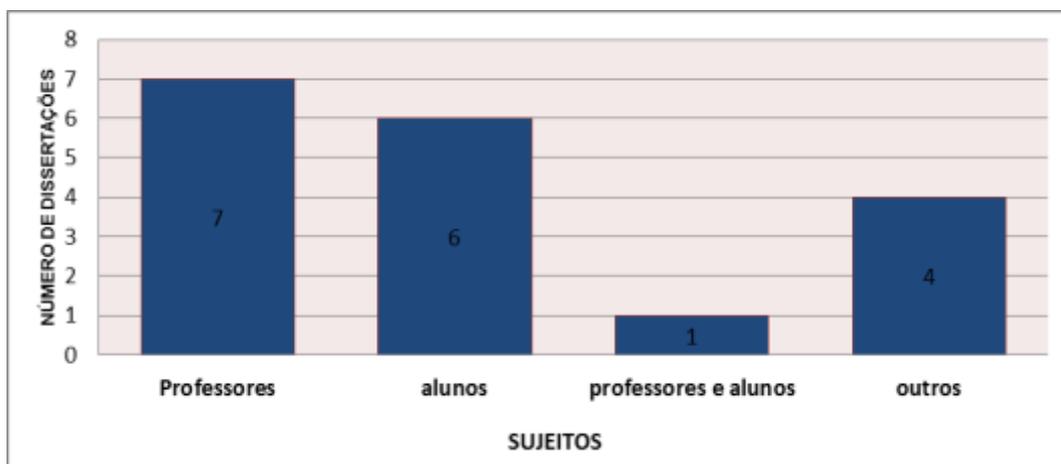
4.1 Descrição do estado do conhecimento

Neste subtópico apresenta-se o estudo do conhecimento no banco de dados da CAPES (2002 a 2011), em prol da revisão da pesquisa no Brasil. Muitos trabalhos são realizados, mas observou-se que nenhum se encerra no objetivo proposto pelo estudo aqui levantado. Para chegar a esta conclusão foi feita a análise de cada resumo na Tabela de Análise das Dimensões Novikoff (2010), conforme Anexo 2.

Foram investigados 2.230 trabalhos no banco de teses da Capes, que foram produzidos entre 2002 e 2011, usando como referencial de pesquisa as palavras representações sociais. Destas selecionou-se as dissertações que trabalhavam também o tema Educação Ambiental.

Os dados apontaram para 26 dissertações relacionadas com o tema deste estudo. No entanto, depois de um novo filtro onde foi feita uma análise mais aprofundada dos resumos, verificou-se a permanência de apenas 18 dissertações com temas que não desconversam com o presente objeto de pesquisa.

Nos 18 trabalhos restantes dividiu-os mais uma vez em categorias de aproximação com a presente dissertação. Desta vez, a análise foi feita em relação aos sujeitos. Nesta categoria se chegou a um número de seis dissertações que enfocam as representações sociais de Educação Ambiental entre alunos, como se vê em gráfico 1.

Gráfico 1 - Distribuição do levantamento de dissertações Capes

Fonte: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, 2002 – 2011.

Ao se analisar o banco de teses e dissertações da Capes, percebeu-se que não há ainda pesquisas no sentido de verificar a utilização do jornalismo como parceiro da divulgação da Educação Ambiental junto às escolas, daí parte-se do pressuposto que esta pesquisa poderá ser um instrumento de utilidade pública.

4.2 Descrição dos questionários dos estudantes

Para o estudo junto aos estudantes do nono ano do Ensino Fundamental foi elaborado um questionário com três eixos de questões. O primeiro deles relacionado aos dados socioculturais; o segundo eixo traz dados sobre o conteúdo de ciências; e o terceiro abarca dados sobre o currículo escolar, conforme ilustra o quadro 4.

Quadro 4 - Matriz do questionário semiestruturado: dimensões de conhecimento sobre educação ambiental com alunos do 9º ano do ensino fundamental

EIXOS	CONTEÚDO	QUESTÕES
I. DADOS SOCIOCULTURAIS	Dados gerais	Sexo, nome, idade, tempo médio em que assiste TV durante o dia
II. DADOS SOBRE O CONTEÚDO DE CIÊNCIAS	Em relação ao conteúdo	Qual conteúdo que você mais viu na sua escola em se tratando da matéria de ciências? Você sabe o que é Educação Ambiental? Explique :
	Em relação à Educação Ambiental	Você já teve alguma aula de Educação Ambiental na sua escola? Quais as práticas de Educação Ambiental que você adota?
	Em relação à prática de Educação Ambiental	Onde você e sua família costumam descartar os remédios que já não usam mais? Você faz o que com seu óleo de cozinha depois que fritou os alimentos e não serve mais para cozinhar? Quanto tempo você leva tomando seu banho? Se você está na rua comendo um lanche e percebe que não tem lixeira o que faz com o lixo que sobrou? O que você faz com pilhas e baterias que não usa mais?
III DADOS SOBRE O CURRÍCULO ESCOLAR	Conhecimento sobre as disciplinas	Qual (is) a(s) disciplina(s) que trata(m) do tema Educação Ambiental na sua escola?

Em relação aos dados socioculturais destaca-se que oito dos participantes eram do gênero masculino, e quatro do gênero feminino. Sendo que seis destes têm 15 anos de idade e seis têm 14 anos de idade.

Observou-se que o tempo médio em que os estudantes assistem TV durante o dia é de 4 a 5h. Entre os estudantes, somente dois assinalaram não gostar de assistir televisão. Tal dado reforça que a construção de uma ferramenta televisiva poderia ser mais bem aproveitada para tratar conteúdos ambientais com este público que se coloca, pela pesquisa, predisposto a recebê-los por esta ferramenta.

A primeira questão abordou qual o conteúdo que o estudante mais viu na sua escola em se tratando da matéria de ciências.

As respostas indicam forte presença dos valores gnosiológicos, conforme o quadro 5, que retrata as questões na escola sobre a matéria de ciências. Diante das respostas, a presença da Educação Ambiental como atrelada à disciplina, como se pode ver no Quadro 5, é ignorada.

QUADRO 5 - Questão sobre conteúdo mais visto na escola sobre a matéria de ciências

Sujeitos	Resposta
01_F_15	Física: Luz e energia
02_F_14	Física e Química- reações químicas, movimento e velocidade
03_F_15	Física - gravidade e química
04_M_15	Óptica, setor primário e secundário
05_M_15	Corpo Humano - química e física
06_F_14	Corpo Humano e luz e sombra
07_M_14	Corpo humano e tabela periódica
08_M_15	Corpo humano e tabela periódica
09_M_14	Corpo humano, tabela periódica, química e física
10_M_15	Corpo Humano e Células
11_M_14	Corpo humano e física
12_M_14	Não lembra

Os estudantes pontuaram conteúdos como Luz e Energia, mas não fizeram referência às questões ambientais, somente à Física, como se pode ver na resposta do indivíduo: 01_F_15.

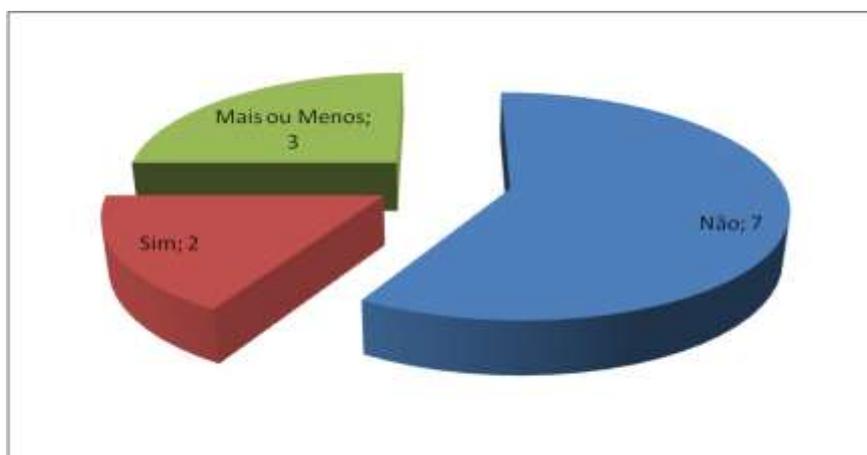
A segunda questão foi para verificar se os estudantes sabem o que é Educação Ambiental e que se soubessem explicassem sobre a mesma, uma vez que no primeiro questionamento se deixou a questão em aberto.

Neste momento, se pretendia de forma mais direta reconhecer conteúdos de educação ambiental que perpassaram as disciplinas que os estudantes já

tivessem tido em sua vida escolar, na disciplina de ciências, ou em qualquer outra dos currículos do Ensino Fundamental.

Em relação “a saber” sobre E.A., sete estudantes apontaram não saber e dois afirmaram saber. Outros três disseram saber “mais ou menos”. Conforme gráfico 2.

Gráfico 2 - Distribuição das respostas dos estudantes acerca do conhecimento sobre o que seria a Educação Ambiental.



Pesquisa realizada na escola Municipal Prefeito José Juarez Antunes, em Outubro de 2012.

No entanto, quando solicitados a explicar sobre o assunto, somente seis arriscaram-se em pontuar algo. Destes vale, destacar algumas das respostas obtidas.

Não sei o que é certinho, mas já ouvi falar na TV, livros e revistas. (08_M_15)

Vagamente. Lembra preservar. (11_M_14)

Mais ou menos. Algo de reciclar que passou na televisão. (12_M_14)

Nesta questão, já se começa a perceber de forma mais evidente um discurso midiático na fala dos alunos, que se percebe ser recorrente em se tratando o lixo, como se verá ao longo da pesquisa.

A terceira questão quis identificar se os estudantes tiveram alguma aula de Educação Ambiental na sua escola. Todos assinalaram não ter tido nenhuma aula de E.A.

A quarta questão era sobre qual (is) a(s) disciplina(s) tratam ou deveriam para eles tratar do tema Educação Ambiental na escola em que estudam. As respostas foram: Sete assinalaram a disciplina Ciências, dois a de Ciência e Geografia; um para Ciência e Biologia; um para Educação Física e um Ciência e Química.

A maioria dos estudantes (sete) associou à disciplina de ciências e todos os outros a outra disciplina em parceria com a de ciências, que é o que preconiza a legislação. Percebeu-se indícios de valores normativos.

Na quinta questão foi perguntado sobre quais as práticas de Educação Ambiental que o estudante acreditava adotar.

As respostas podem ser observadas no quadro 6 e dão a dimensão e pistas de como o discurso midiático é presente na fala dos estudantes, mesmo que de maneira superficial em se tratando da abrangência do tema, lixo, em especial.

Quadro 6 - Distribuição das respostas por categorias sobre as práticas de Educação Ambiental adotadas pelos estudantes

ESTUDANTES	RESPOSTAS
01_F_15	Não sei
02_F_14	Não sei. Não me lembro
03_F_15	Separo óleo e baterias
04_M_15	Separo o lixo
05_M_15	Não joga lixo no chão
06_F_14	Não joga lixo na rua
07_M_14	Separo o lixo para reciclagem
08_M_15	Separo as garrafas pet
09_M_14	Não sei
10_M_15	Não joga lixo no chão
11_M_14	Não sei, não faço.
12_M_14	Reciclagem

Percebe-se que há uma preocupação em relação ao descarte do lixo, um discurso recorrente nos meios midiáticos.

É possível notar que a prática adequada em relação ao lixo é uma das que aparece mais evidente na fala dos estudantes, mas se perceberá ao longo da pesquisa que é uma preocupação pontual, ou seja, somente em relação ao lixo e estritamente em relação a ele. Ignoram-se outras ações ecologicamente corretas.

Na sexta questão foi levantado onde os estudantes e suas famílias costumam descartar os remédios que já não usam mais. O dado mais recorrente foi o descarte no lixo comum como se pode observar a seguir, nas falas de alguns dos sujeitos.

Lá em casa o pessoal joga na lixeira do lixo geral. (03_F_15)

No lixo mesmo. Comum. (07_M_14)

Jogamos no lixo, que o lixeiro vem pegar. (10_M_15)

Embora não haja manuseio de todo e qualquer tipo de medicamento nesta faixa etária, era importante saber dos estudantes se os mesmos sabiam como o procedimento de descarte acontecia em suas residências e se os mesmos conheciam tais práticas. Embora haja legislação, que determine a devolução às farmácias de medicamentos não utilizados e vencidos, apenas um dos estudantes pontuou ser esta a atitude em sua família. Despreza-se assim em se tratando da maioria dos estudantes, o valor normativo.

Na sétima questão, há uma verificação dos procedimentos ambientais frente ao óleo de cozinha usado em casa e que não serve mais para cozinhar. Neste questionamento, a maioria das respostas foi de desconhecimento em relação ao destino correto deste produto, conforme ilustra o quadro 7.

Quadro 7 - Respostas dos estudantes sobre o uso do óleo de cozinha que não serve mais para cozinhar

ESTUDANTES	RESPOSTAS
01_F_15	Jogo no ralo da pia.
02_F_14	Coloco numa garrafa pet e levo para a igreja, perto de casa.
03_F_15	Coloco em garrafa, mas não sei para onde vai.
04_M_15	Não sei.
05_M_15	Guardo em garrafa, mas não sei se é frequente e nem para onde vai.
06_F_14	Na igreja tem um projeto que recolhe óleo, juntamos para lá.
07_M_14	Separo na garrafa pet e entrego na coleta seletiva.
08_M_15	Não sei como minha mãe faz, mas sei pela TV que não devemos jogar em qualquer lugar.
09_M_14	No lixo comum.
10_M_15	Minha mãe separa e doa para uma mulher, que faz sabonete.
11_M_14	Repassa para um tio que faz sabão caseiro.
12_M_14	Coloco numa garrafa, mas não sei para onde vai.

Observa-se que em algumas das respostas falou-se da alocação em garrafas pet e da entrega na igreja, que daria um destino correto ao material, mas nestas mesmas respostas não se expandiu o conhecimento sobre o que a entidade faria com o óleo. Apenas duas pessoas sabiam o fim do produto, após o desfazer do mesmo, como se pode observar abaixo.

Minha mãe separa e doa para uma mulher, que faz sabonete. **10_M_15**.
Repassa para um tio que faz sabão caseiro. **11_M_14**

Vale apontar que um dos sujeitos disse já ter recebido aquele tipo de informação por meio da mídia e outro estudante deu uma resposta equivocada dizendo que entregava o material em postos de coleta seletiva. O material não era

recolhido pela empresa, que na ocasião, era a responsável pela coleta seletiva na cidade. Seguem respectivamente as respostas pontuadas.

Não sei como minha mãe faz, mas sei pela TV que não devemos jogar em qualquer lugar. **08_M_15**
 Separo na garrafa pet e entrego na coleta seletiva. **07_M_14**

Na oitava questão, os estudantes foram instigados a comentar sobre o tempo gasto no banho. Nesta questão houve igualdade no número de respostas que obteve maioria. A saber: Foram contabilizadas quatro respostas positivas para banhos até 15 minutos e quatro com 20 ou mais minutos.

Vislumbra-se que os valores sócio-relacionais são ignorados pela maioria dos estudantes, que pouco se mostram preocupados com a situação de seus pares e com a economia de água e energia como sendo necessária às pessoas e a manutenção da vida.

Na nona questão os estudantes deveriam responder como agiriam se estivessem lanchando na rua e percebessem a falta de uma lixeira próxima deles. Percebeu-se nesta questão, descrita no Quadro 8, a presença de uma atitude esperada para estudantes que tivessem em algum momento contato com a educação ambiental. Novamente se vê pontualmente um cuidado com a questão do lixo e seu descarte.

Quadro 8 - Distribuição das respostas por categorias dos estudantes sobre o descarte de seus restos após o lanche

ESTUDANTES	RESPOSTA
01_F_15	Guardo, não gosto de jogar na rua
02_F_14	Guardo, até encontrar uma cesta
03_F_15	Jogo no chão
04_M_15	Guardo e jogo no lixo
05_M_15	Guardo
06_F_14	Guardo

Continuação

Cont.

ESTUDANTES	RESPOSTA
07_M_14	Guardo, mas não jogo no chão
08_M_15	Guardo, mas não jogo no chão
09_M_14	jogo no chão
10_M_15	guardo
11_M_14	Guardo. Não jogo no chão
12_M_14	Guardo e jogo no lixo

Na décima questão, os estudantes foram provocados a comentar sobre o que fazem com pilhas e baterias que não usam mais, conforme quadro 9. Novamente, observou-se a preponderância de respostas que não condizem com estudantes que tiveram ensino ambiental, uma vez que a maioria respondeu que descarta tais materiais em lixo comum.

QUADRO 9 - Distribuição das respostas por categorias dos estudantes sobre o descarte de pilhas e baterias que não usa mais.

ESTUDANTES	RESPOSTA
01_F_15	Jogo no lixo comum
02_F_14	Não utilizo pilhas comuns, mas as recarregáveis
03_F_15	Coloco em uma sacola de lixo comum
04_M_15	Jogo no lixo comum
05_M_15	Jogo no lixo comum
06_F_14	Guardo, pois a igreja recolhe
07_M_14	Jogo no lixo comum
08_M_15	Jogo no lixo comum
09_M_14	Jogo no lixo comum
10_M_15	Jogo no lixo comum
11_M_14	Não sei
12_M_14	Embrulho no jornal e jogo no lixo comum

Em relação aos “Transeuntes”, os dados são apresentados a seguir.

A entrevista teve três eixos como ilustra o quadro 10:

Quadro 10 - Matriz do questionário semiestruturado: dimensões de conhecimento sobre educação ambiental com transeuntes de feira-livre

EIXOS	CONTEÚDO	QUESTÕES
I. DADOS SOCIOCULTURAIS	Dados gerais	Sexo, nome, idade, grau de instrução.
II. DADOS SOBRE O CONTEÚDO DE CIÊNCIAS	Em relação ao conteúdo	Você já ouviu falar de sustentabilidade?
		Se sim , o que você saberia dizer sobre isto?
	Em relação à Educação Ambiental	Você já ouviu falar de sustentabilidade?
		Se sim , o que você saberia dizer sobre isto?
Em relação à prática de Educação Ambiental	O que o homem pode fazer para cuidar do Planeta ?	
III DADOS SOBRE O CURRÍCULO ESCOLAR	Conhecimento sobre as disciplinas	O que você acha que vai acontecer com o Planeta Terra ?

Os dados gerais demonstraram que o grupo estudado foi representado por sete sujeitos do gênero masculino e seis do feminino.

Nem todos os sujeitos tinham o ensino fundamental, sendo que doze completaram este nível de ensino e somente um, com mais de 60 anos de idade estava cursando a sétima série ou oitavo ano do ensino fundamental.

Em relação à primeira questão, os transeuntes pontuaram se já haviam ouvido “falar” de sustentabilidade. As respostas são distribuídas entre dez respostas positivas e três negaram ouvir sobre o assunto.

As respostas positivas e até mesmo as negativas foram ampliadas para sua explicação. Estas foram categorizadas em “adequada” para sete sujeitos e seis para a categoria “inadequada”, considerando o “Relatório Brundtland” e o dicionário “Priberan”.

O Relatório Brundtland assinala que a sustentabilidade “satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades”.

No dicionário Priberan é entendido como “qualidade ou condição do que é sustentável. 2. Modelo de sistema que tem condições para se manter ou conservar.”

As respostas transcritas no quadro 8 pelos transeuntes foram:

Quadro 11 - Respostas dos transeuntes sobre o que saberiam dizer sobre sustentabilidade

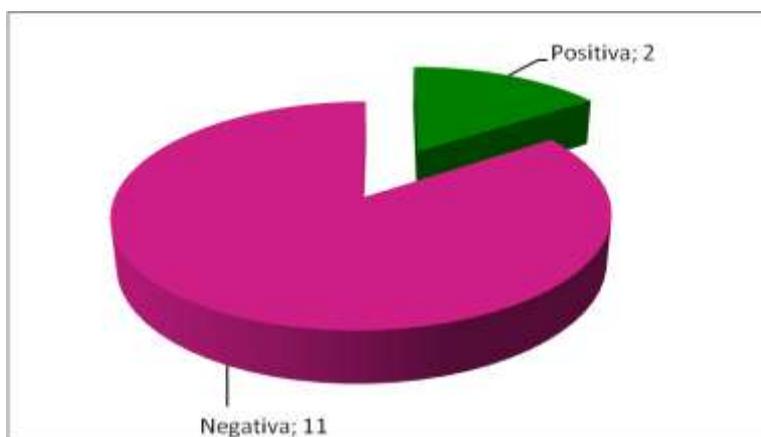
Sujeitos	RESPOSTAS	Comentário
T0164M	NÃO	Eu não sei mesmo, sinceramente.
T0254F	NÃO	Me lembra que tem que mudar, tem que mudar muito, por que as coisas estão muito difíceis.
T0322M	NÃO	Acredito que é o meio ambiente.
T0449F	SIM	Tem a ver com a vida no planeta, de todos os seres, de todo o mundo. Os recursos naturais estão se esgotando, estão se acabando e ninguém quer saber de nada, consumismo. Joga fora, joga fora, lixo, lixo e não tem onde colocar lixo.
T0518F	SIM	É a "reaproveitação" da reciclagem, destas coisas.(sic)
T0648F	SIM	Saber explicar, eu não sei.
T0756M	SIM	É a forma de evolução, de mudança até no meio ambiente, mesmo.
T0854F	SIM	Tem a ver com o bem- estar... por aí.
T0930M	SIM	E devolver ao meio ambiente o que as indústrias produzem. Se você tem uma garrafa ao invés de reciclar, você vai e joga no meio ambiente e vai degradando o meio ambiente.
T1042M	SIM	Hoje é muito comum este assunto em qualquer lugar, nas empresas faculdades. Sempre estão passando para a gente a importância da sustentabilidade. Que é desenvolver economicamente sem prejudicar o meio ambiente.
T1125M	SIM	O que eu percebi lá na revista é que o planeta está cada vez mais sendo poluído e o pessoal tem que se conscientizar para que isso "modifica". Por que se você vê bem a CSN está aí, as empresas estão poluindo o meio ambiente e nenhum órgão público se conscientiza faz alguma ação para que isso pare, a poluição. Sustentabilidade, no caso é a conscientização do que o pessoal possa perceber que a poluição tá aí pode destruir os nossos descendentes e ninguém faz nada.
T1263F	SIM	Crescer sem agredir né, a Terra.
T1322M	SIM	A gente que vive no meio de indústria sabe a importância que este assunto tem de estar sendo tocado. Hoje a gente percebe que em cada site, principalmente de empresa é que a primeira coisa que vemos é sustentabilidade e desenvolvimento. A minha opinião é que se vai fazer uma indústria, construir pode, por que gera mais emprego. Mas poluição não deve ocorrer, não tem o que discutir.

Para que houvesse melhor compreensão dos dados se categorizou as respostas inicialmente em positivas e negativas e posteriormente entre esvaziadas

de significado, racionalistas e religiosas. Chegou-se a estas categorias com base na análise de conteúdo de Bardin (2002) que fala da primeira leitura ser flutuante, a segunda com base na identificação e similitude para que então se estabelecesse as categorias aqui utilizadas.

A primeira categorização é ilustrada no gráfico 3.

Gráfico 3 - Distribuição das respostas dos transeuntes na categoria positiva e negativa acerca do que acreditavam que irá acontecer com o Planeta Terra.



Pesquisa feita com transeuntes de feiras-livres de Volta Redonda em novembro de 2012.

Posteriormente se categorizou mais uma vez as respostas obtidas de acordo com a perspectiva religiosa, racionalista e “esvaziada de significado”, como demonstra o gráfico 4.

Gráfico 4 - Categorização das respostas dos transeuntes nas categorias encontradas.



Levantamento das categorias das respostas dos transeuntes de feiras-livres de Volta Redonda.

O que se percebe é que há uma expectativa negativa com a atual circunstância em que o planeta se encontra, mas ao mesmo tempo, um negativismo, que não se calca em algo que seja circunstancial, visto que a maioria das respostas foram categorizadas em esvaziadas de significado. Seguem as respostas obtidas.

Quadro 12 - Respostas dos transeuntes sobre o que acreditavam que iria acontecer com o planeta.

Sujeitos	Respostas
T0164M	Se continuar assim não vai ficar muito bom não. Eu não sei o que pode acontecer, mas não deve ser nada agradável.
T0254F	Eu não sei explicar. Coisa boa é que não é!
T0322M	Um dia a gente acaba com ele. Um dia a gente consegue.
T0449F	Falta de responsabilidade das pessoas que estão à frente do governo.
T0518F	Ah, não sei. Não sei.
T0648F	Minha esperança é de melhora, sempre de melhora. Eu nunca penso no pior não
T0756M	Já está acontecendo. As transformações já começaram a acontecer.
T0854F	Muita coisa, mas com essa juventude que está aí, com esta mudança eu acredito que também vai ter muita coisa positiva. Nós somos todas cristãs e a Bíblia diz que vai acontecer muitas coisas negativas, mas eu creio que pela misericórdia de Nosso Deus, nosso ser superior maior que muitas coisas irão acontecer negativas, mas muitas coisas negativas.
T0930M	Do jeito que está vai acabar com o planeta. Igual, muitas pessoas sujam os rios. Não limpam os rios, ficam jogando garrafas pet, pilhas também. Eu acredito que se continuar deste jeito nós vamos acabar com o mundo. Pra você ver, um dia está muito quente outro dia muito frio. A culpa é do próprio homem que danifica o meio ambiente, que ao invés de contrinuir para o meio ambiente se dê bem na natureza: não. Ao invés de agente conservar a natureza, a gente, nos seres humanos, infelizmente estamos contribuindo para destruir o meio ambiente e natureza, que é aquilo que a gente não deveria fazer.
T1042M	Se não houver uma mudança rápida na consciência de todos, está muito comprometedor. Creio que num fututo bem curto não vai ter o que a gente passar de bom para outras gerações em termo de meio ambiente sustentável.
T1125M	O que os pesquisadores, geólogos falam é que o fim do planeta é certo, mas pode ser numa data prolongada ou reduzida, depende do povo de saber o que fazer para que isso melhore.
T1263F	O aquecimento global, muita coisa assim, estiagem coisas assim parecidas que a gente houve falar.
T1322M	Se continuar do jeito que está não vejo um futuro muito longo não.

A quarta pergunta referente ao que o homem pode fazer para cuidar do Planeta, as respostas ilustradas no quadro 13.

Quadro 13 - Respostas dos transeuntes sobre o que o homem pode fazer para cuidar do planeta

Sujeitos	Respostas
T0164M	O que a gente estuda na escola com a professora de Ciências é cuidar da Mata Atlântica, plantar mais árvores. Cuidar de fazer saneamento básico e outras coisas que não me lembro. Cuidar do Meio Ambiente, muita coisa.
T0254F	Não respondeu.
T0322M	Hoje em dia? Muita coisa não dá para fazer mais não. O que tinha de ser feito já passou da hora.
T0449F	Está faltando uma política pública em todos os sentidos. As pessoas não tem noção do que é Meio Ambiente. Ninguém sabe de nada. É um assunto proibido até. O ministro do M.A. esteve aqui e deu um prazo para a CSN até 2016, que eu acho um absurdo, para resolver o problema da poluição, por que eles (CSN) dizem no medido que o ar está normal, normal e sempre na verdade está péssimo.
T0518F	Ah, muita coisa! Sei lá. Ajudar a fazer reciclagem, diminuir a "queimação" de árvore.
T0648F	Começar por si mesma. Começar com as suas atitudes em primeiro lugar. Não adianta você querer dar um passo maior que sua perna... Não jogar lixo no chão, começar por você e aí você vai mostrando seus exemplos para outras pessoas. É isso que eu procuro fazer.
T0756M	Ter consciência das necessidades. Cuidar da água, cuidar da natureza, cuidar do meio ambiente.
T0854F	Por um exemplo: eu mesma me peguei, consciente, pois uma coisa é você fazer inconsciente e na ignorância, mas eu com consciência estava com um copo dentro do carro e ao invés de guardar peguei e joguei. Daí eu parei e pensei: Hum.. errei. É mais ou menos por aí. Então temos que cuidar, fazer o MEIO AMBIENTE, evitar muitas coisas.
T0930M	Tomar consciência daquilo que está fazendo. Ser uma pessoa mais responsável. Acreditar em Deus. Respeitar mais o meio ambiente as pessoas, o próximo. Coisas que infelizmente não acontecem. As pessoas passam por cima do outro. Acredito que protegendo não cortando as árvores, vamos ter um mundo muito melhor.
T1042M	Eu vejo que o melhor caminho é a educação. A partir das escolas, desde o pré-escolar, no início mesmo, passar essa consciência da importância de separar o lixo, não poluir, não jogar lixo em rio e no dia-a-dia economizar água, energia tudo para que no futuro não se tenha um reflexo negativo para nossa sociedade.

Continuação

Cont.

Sujeitos	Respostas
T1125M	É se você ver bem, na Europa, ou se você comparar os países europeus com o Brasil, eles já estão usando as ciclovias, a bicicleta para que isso reduza a poluição. No Brasil, a gente vê que os carros são sinal de status e todo mundo quer ter carro. Isso prejudica um pouco.
T1263F	Evitando queimadas poluir o ar. São tantas coisas, mas as pessoas não têm informação e às vezes fazem coisas que não podem fazer. Se unir para um único ideal para tentar salvar enquanto é tempo.
T1322M	Acho que o principal é as pessoas se conscientizarem e passarem esta educação de pai para filho.

Observa-se que a tendência dos transeuntes é trazer o discurso racionalista quando se “fala” sobre o cuidar do planeta, como o sujeito T1042M. As respostas do Quadro 9 foram distribuídas nas categorias conforme apresenta a Tabela 1.

Tabela 1- Distribuição das respostas por categorias dos transeuntes sobre o que o homem pode fazer para cuidar do planeta

Respostas	Positiva	Negativa	Religioso	Racionalista	Esvaziada De Significado	Alienada
Quantitativo	4	3	1	10	1	2

5 DIMENSÃO ANALÍTICO-CONCLUSIVA

Neste capítulo realiza-se o diálogo entre os dados e a teoria.

Inicialmente apresenta-se a discussão dos dados em relação aos estudantes e em, seguida dos transeuntes. Posteriormente, realiza-se o entrelaçamento com a teoria para gerar o entendimento do estudado pela autora.

5.1 Análise

A escolha do estudo em representação social foi calcada na intenção de mostrar como a Educação Ambiental ainda se estabelece longe da realidade dos alunos da escola pesquisada. A representação social dá a condição de, por meio dos discursos, compreender individualmente e socialmente como as práticas ambientais estão ou não intrínsecas na vida das pessoas pesquisadas.

A proposta da pesquisa de campo foi fundamentar, até então, uma impressão empírica de que, de alguma forma, os conteúdos relacionados à educação ambiental, ou não estão claros para a compreensão dos alunos em sua vida escolar, ou estão longe de pressupostos e da vida real destes alunos, para fazer com que os mesmos os assimilem e os organizem como elementos participantes ou estruturantes de suas representações sociais.

A utilização das Representações Sociais e suas formas de análise dá a esta pesquisa o direcionamento para a uma visão mais precisa de como, e de que maneira, a educação ambiental está esvaziada de valores. Nesta pesquisa, considerou-se alguns fatores essenciais a se descobrir, sobretudo relacionados à prática dos alunos e como os mesmos se colocam frente às situações cuja assimilação de conteúdos da educação ambiental se tornaria clarividente em sua conduta, escolha e percepção.

Pode-se, a partir dos dados levantados e analisados propor nova hipótese de que talvez o que foi passado na escola não é assimilado por conta do

distanciamento entre o que é transmitido e a realidade dos alunos. Constata-se também por conta das representações levantadas e dos seus valores (sócio-relacionais, normativos, identitários, gnosiológicos, movimentos Sociais/EA) que os temas possam se tornar tediosos e pouco compreensíveis vez que os alunos não veem ligação direta com o que é passado e sua ação social – individual.

A escolha das representações sociais como base fundamentadora desta pesquisa, foi essencial para compreender como de fato a questão da Educação Ambiental deve e precisa ser colocada de uma outra maneira dentro da escola pesquisada, com novos valores frente à esta educação. Face os resultados da pesquisa pensa-se que a representação social vaga sobre a educação ambiental expõe como a escola tem agido de forma equivocada ao se tratar destes conceitos.

Serge Moscovici (1961) defende um modelo interacionista na formação da Representação Social, onde estão ligados o sujeito, o sujeito social e o objeto.

Entendendo que um objeto só passa a ser reconstruído pelo indivíduo graças ao que lhe é exposto, suas convicções e aquilo que já traz em sua bagagem, Moscovi explica como uma representação social é fundamentada. Os autores Anadon e Machado (2011) apresentam o pensamento de Moscovici:

A relação de sujeito a sujeito em sua relação com o objeto corresponde a uma interação, isto é a uma ligação recíproca que une indissolivelmente o homem e a sociedade. E é esta relação ternária que determina o próprio objeto. Com efeito, a construção de um objeto só é possível dentro de um quadro social dado, constituído de uma herança social comum. Não há nada real que não seja construído pelos sujeitos, apoiando-se em sistemas de valores e implicados em um contexto social e ideológico. A partir da herança social, o indivíduo desempenha um papel não negligenciável em suas tomadas de decisão: ele é ao mesmo tempo produto e produtor da sociedade. Esta existe somente através de suas práticas (ANADON; MACHADO, 2011, p.12).

A relação dos estudantes com a resposta frente ao conteúdo mais visto na escola revela os valores gnosiológicos. Já os valores sócio-relacionais se evidenciam somente de forma positiva em relação ao descarte do lixo.

Os valores normativos, identitários e movimentos sociais são negligenciados nas respostas dos estudantes.

Se a construção de um objeto só é possível dentro de um quadro social, percebe-se pelas respostas dos alunos em relação ao conteúdo de Educação Ambiental, que a Escola não alcançou o seu objetivo de trabalhar E.A vinculada ao contexto social dos seus estudantes. Ao serem questionados sobre práticas ambientais simples, os estudantes demonstram pouco saber como agir em suas vidas particulares e em meio à sociedade, frente às situações propostas.

Obviamente que a construção do objeto (aqui, em especial a Educação Ambiental) perpassa os ambientes escolares, mas ainda é a Escola, ou deveria ser, o pilar mais forte de construção e desenvolvimento de saberes. No século onde as fontes de informação nunca foram tão numerosas, o desafio é utilizar de novas ferramentas educacionais para formar representações sociais mais focadas no saber e no praticar ambiental. Ratifica-se aqui que não cabe à escola dar aos veículos de comunicação a exclusividade na formação de opinião e conhecimento aos estudantes. O ideal é levar as ferramentas de informação para a escola e não substituir a escola, ou pelo menos a funcionalidade da escola por estas ferramentas e veículos.

Pensa-se que os veículos de informação devem ser explorados, mas de forma consciente e condicionada ao saber. Cabe à escola filtrar e estabelecer o que e de que maneira utilizar as novas ferramentas de comunicação, suas linguagens e aproximação evidente com as novas gerações em prol de facilitar a compreensão, assimilação e adoção de novas práticas e saberes.

O que se viu na referida pesquisa é que o que está havendo é justamente o contrário, além de os alunos desconhecerem conteúdos simples e até mesmo evidentes de práticas ambientais, o pouco que a maioria mostrou saber foi transmitido pela mídia massiva. Conteúdos, obviamente, passados superficialmente, já que os veículos de comunicação, em especial a TV -, presente como demonstrou a pesquisa no cotidiano de 10 entre 12 entrevistados - não tem por obrigação funcional de tratar de temas relacionados à educação e mesmo assim o faz, não como poderia em máster, mas muito mais que a escola vem fazendo, o que demonstra a pesquisa.

Voltando a perspectiva da análise por meio das representações sociais, em especial no viés interacionista, vale lembrar que ainda na obra de Anadon e

Machado (2011) constata-se a evidente formação compartilhada de conceitos sociais.

O teórico da Comunicação Social, Douglas Kellner (2001) ratifica e até explica o que foi encontrado como resultado desta pesquisa. Segundo o autor, em seu livro *Cultura das Mídias*, os meios de comunicação de massa se tornaram tão presentes na vida das pessoas, que vem substituindo pilares da formação e construção do saber humano, a exemplo da família, da igreja e, infelizmente, da escola.

No entanto, embora pareça desmotivado frente ao percurso de formação de opiniões, o mesmo autor lembra que sempre há grupos “conscientes” que sabem da manipulação dos veículos de comunicação, mas que ao invés de agir contrários a eles se apropriam de seus vieses manipulativos para fazer com que as pessoas enxerguem e escolham o que vale a pena corroborar com estes meios ou negá-los.

Foi possível reconhecer nas respostas destes alunos, o que os mesmos conhecem e se conhecem sobre a Educação Ambiental. Daí questiona-se sobre o distanciamento da escola e sua relação com a falta de ambientalização com o universo infanto-juvenil e a didática como os conteúdos são geralmente passados. Sem resposta, mas como uma hipótese tem-se a de uma possível carência de recurso didático.

Tal constatação está embasada, como se viu, em pesquisa de campo cuja fala dos alunos pesquisados deixa claro a ausência de conteúdos de E.A. em sua vida escolar, mesmo com as exigências impostas e estabelecidas por lei.

Vale destacar que das 10 questões trabalhadas junto aos alunos, na maioria, as respostas denotaram ausência de consciência da responsabilidade frente ao cuidado com o espaço geográfico e social. Os estudantes oscilam entre fazer algo se houver supervisão e a culpabilidade no “governo” por não dar estrutura (lixeira, varredor ou coletor de lixo; placas de aviso, etc.). Somente uma minoria do grupo estudado, ou seja, 2 alunos demonstraram ter a noção da responsabilidade compartilhada. A ideia freireniana de “participação do cidadão na elaboração de alternativas ambientalistas” exige diálogo. Noutras palavras, é preciso que as escolas estabeleçam suas “micropolíticas das ações cotidianas” dessa nova ordem mundial de uma educação ambiental para o sujeito ecológico.

Diante do resultado das pesquisas se vislumbra que se o conteúdo é passado de alguma maneira não perpassa a condição de decoreba e passa a fazer parte da vida deste educando face às respostas apresentadas em vídeo gravado durante a pesquisa

Desta maneira, algo que se coloca ausente em termos didáticos tem pouca ou nenhuma influência sobre o comportamento. Estabelece-se assim a ideia de uma representação social vazia ou pouco presente sobre a educação ambiental entre os estudantes pesquisados.

Ao contrário do que se viu na pesquisa com os alunos que deveriam, ao menos em tese, ter maior contato com práticas de Educação Ambiental, os transeuntes mostraram maior consciência de práticas ecologicamente corretas. Embora muitas vezes suas ponderações estejam pouco claras, muitos se apropriam de discursos de sujeitos-ecológicos que podem e devem de alguma forma intervir no meio social em que estão por meio de práticas ambientais que já parecem perpassar seus universos. Tais práticas, muito embora possam ser comuns indicam em alguns dos entrevistados terem sido transmitidas pelos meios de comunicação, já que é de onde os mesmos afirmaram ter tido conhecimento sobre tais questões consideradas por eles ecológicas (Cf. Quadro 11 T1125M; e T1322M).

Embora não se possa valorar o quanto estas informações fazem de fato diferença na vida dos pesquisados a ponto de ditar comportamentos, seus discursos tem de similar uma preocupação com a adoção de mudanças, o que não foi percebido no falar dos estudantes.

Alguns dos entrevistados falaram espontaneamente, sem serem diretamente questionados sobre isso, que suas informações sobre educação ambiental, ou no caso mais específico sustentabilidade, vinham de veículos de comunicação e de sites de empresas privadas. Pressupõe-se que até pelo fato de apenas um entrevistado ter afirmado estar estudando dentre os pesquisados na feira, todos os outros apresentam um discurso construído num contexto em que sinalizam forte presença de informação proveniente dos espaços não formais de ensino e da mídia. Tal impressão pode ser base para futuras e mais aprofundadas pesquisas neste contexto.

Um dos entrevistados se remeteu ao que aprendeu na escola ao fato de ser questionado sobre o que poderia fazer para ajudar ao planeta. Coincidentemente este entrevistado foi o único que disse ainda estar cursando o ensino fundamental.

Há neste sentido a sinalização de que alguns dos demais entrevistados carregam conhecimentos sobre o tema, ainda que superficiais, possivelmente sendo provenientes da mídia que, obviamente, se utiliza dos meios de comunicação de massa como canal.

A mídia, em especial neste caso, se coloca como condutora do processo educativo, fato que já era anunciado por Bordenave (2006) como sendo o que acontecia desde a década de 80, quando o mesmo elencava o processo evolutivo dos meios de comunicação.

[...] deu-se um fenômeno interessante: a utilização dos meios de comunicação como parte do processo educativo formal e não formal. No mundo inteiro a rádio e a TV, e mais recentemente os microcomputadores, passaram a formar parte da bagagem instrumental da chamada Tecnologia Educativa (BORDENAVE, p.33).

Na mesma obra, Bordenave põe em destaque o que se constata nesta pesquisa, que é o poder da comunicação, em potencial aqui se levanta a comunicação da mídia, na construção dos discursos. Pode-se atribuir à mídia, o discurso ecológico dos transeuntes, considerando ser próprio da comunicação.

[...] contribuir para a modificação dos significados que as pessoas atribuem às coisas. E, através da modificação de significados, a comunicação colabora na transformação das crenças, dos valores e dos comportamentos. Daí o imenso poder da comunicação. Daí o uso que o poder faz da comunicação (BORDENAVE, 2006, p. 92).

Embora esteja falando de um assunto que se ampara na interferência ou influência da mensagem midiática vale ressaltar que Bordenave, de fato constatou algo que também se viu presente nesta pesquisa que é o domínio dos meios de comunicação sobre os cidadãos. Vale ressaltar, que domínio permitido ou não,

defendido pela corrente integrada em oposição à apocalíptica da comunicação (ECO,s.d.,p.335-7).

O impacto dos meios sobre as ideias, as emoções, o comportamento econômico e político das pessoas, cresceu tanto que se converteu em fator fundamental de poder e de domínio em todos os campos da atividade humana. (ECO,s.d., p.33).

Tais dados aqui levantados reforçam a defesa de que a escola pesquisada pode se valer de outras formas de intervenção ao trabalhar com a Educação Ambiental e que poderia utilizar dos meios de comunicação para tentar aproximar os conteúdos à vivência dos seus alunos que não só estão expostos à mídia televisiva como afirmaram gostar dela. Como determinam os conceitos da Educomunicação e as indicações de Paulo Freire. O desafio é, por tanto, unir tais saberes o midiático e o escolar.

Assim para Jacquinot, a primeira vista, “saber midiático” e “saber escolar” se opõem aos alunos “culturas” diferentes: essas culturas serão diferentemente integradas, segundo a origem sócio-cultural dos alunos e de sua família. Os alunos que chegam à sala de aula estão impregnados de ‘Cultura midiática’, sobretudo a televisiva, mas o fato é ignorado pela escola tradicional, para qual existe apenas uma “cultura” e um “saber”, aquele promovido pela educação (JACQUINOT *apud* SOARES, 2013).

5.2 Cruzamento de dados dos estudantes com dados dos transeuntes

Diante dos dados levantados entre os dois públicos há de se considerar que ambos os grupos pesquisados sofrem influência midiática evidente, mas cada qual em amplitudes diferenciadas. O que se verifica de diferente é o valor dado ao tema. Os estudantes vinculam os assuntos relativos ao ambiente às disciplinas de ciências. Em relação aos transeuntes, estes vinculam aos cuidados com o planeta (Valores Gnosiológicos).

Frente aos valores que cercam os conhecimentos dos movimentos sociais frente à Educação Ambiental os estudantes demonstraram desconhecer programas

difundidos na TV, jornais e instituições, a exemplo do descarte adequado de pilhas. Em contrapartida, os transeuntes indicam ter noção destes projetos, pois assinalam no cuidado ideal de como separar o lixo.

Nos valores identitários, os estudantes não se percebem como responsáveis por uma atitude ambientalmente correta, um exemplo é em relação ao manuseio do óleo de cozinha imputado como tarefa da “mãe”. Já o adulto (transeunte) se percebe como responsável do processo de cuidado com o planeta e como parte da natureza.

Os valores normativos, onde se destacam os conhecimentos técnicos regulamentares, não foram identificados pelos estudantes e, somente um transeunte levanta a questão frente à Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Vale destacar a importância desta valoração como tema a ser discutido na sociedade como um todo, em especial nas escolas.

Em se tratando dos valores sociorelacionais, ou seja, indicam como é e como se fazem a relação social, destacando as questões éticas, observa-se um certo individualismo nos estudantes como, por exemplo, o uso excessivo de tempo para banho. Os transeuntes sugerem certo cuidado ético como economizar água, separar o lixo e evitar queimadas.

No grupo dos estudantes a influência da mídia fica clara até pelo tempo que afirmam passar de frente à TV, de em média 4 a 5 horas, mas mesmo estando submetidos aos mesmos conteúdos que os transeuntes estão, os estudantes demonstram distanciamento em relação às práticas ambientais corretas. O que implica na análise de que mesmo recebendo da mídia conteúdos sobre E.A estes conteúdos têm sido vagos tal qual como também acontece em se tratando do que vem sendo transmitido na escola. A maioria dos estudantes, por exemplo, não sabia dizer o que era a Educação Ambiental, nem se remetendo à mídia nem a escola.

Tal fato dá pistas de que o conteúdo trabalhado na escola tem fugido à realidade do aluno. Já o discurso da mídia tem se aproximado mais ao entendimento de um cidadão adulto e que esteja fora do ambiente escolar. Tal questão denota uma diferença intracultural e ainda ao fato de que o que vem sendo propagado na mídia não tem sido eficaz em termos de educação ambiental para o público infanto-juvenil, mas somente ao público adulto.

No caso dos transeuntes, percebeu-se influência midiática mais evidente em afirmações isoladas, mas que carregam um discurso pontuado como oriundo de alguns meios de comunicação, como já exemplificado anteriormente.

Pontua-se que o trabalho com a Educação Ambiental nas escolas deva ser capaz de fazer com que o indivíduo se visualize como agente transformador e construtor de um ambiente mais saudável, não somente na teoria, mas também na prática percebida e oculta de suas ações – eis a ideia do produto desta dissertação: o programa “Ecopensante”, que se utilizará da linguagem midiática voltada especificamente para o público escolar em questão: o infanto-juvenil.

Entende-se que a mídia e em potencial a TV pode ser forte na influência e adoção de práticas ambientais, entre quaisquer cidadãos e em potencial aos que estão em formação educacional. Estes veículos midiáticos

[...] ocupam espaço significativo na divulgação de conhecimento científico, sob a forma de informação de notícias. Outra razão é a de que tais veículos têm se tornado cada vez mais atraentes aos olhos dos receptores, que passam, muitas vezes, a preferi-los às formas institucionalizadas de aquisição de conhecimento (tal como as escolas, por exemplo), e que, de certa forma, substituem a recepção da informação científica (PECHULA, p.216,2007).

Enfim, pensa-se que o produto de ordem didática proveniente desta dissertação será importante no cenário educacional em potencial da escola pesquisada, Pois se utilizará de conceitos e prerrogativas que regem a Educomunicação e os princípios já elencados por Freire.

5.3 Produto

Aliar as técnicas de jornalismo em prol da divulgação da ciência e da Educação Ambiental não é uma novidade, a exemplo de publicações de revistas como a Super Interessante e ainda de cadernos inteiros destinados às ciências em alguns dos jornais impressos mais lidos do país, a exemplo do O Globo.

Glaci T. Zancan (2004), professora de Bioquímica da Universidade Federal do Paraná, já dizia em seu artigo “EDUCAÇÃO CIENTÍFICA: uma prioridade nacional”, que é necessário expandir a atividade prática científica e fazer com ela seja percebida e absorvida por mais pessoas e não apenas elitizá-las:

Na realidade, houve crescimento em todas as áreas do conhecimento acima da média mundial, mas a produção, avaliada pelos artigos originais de pesquisa publicados, ainda está ao redor de 1% da produção científica indexada no Institute for Scientific Information (ISI). Outro dado importante é que esta produção está concentrada na região Sudeste, mais particularmente em São Paulo, gerando uma distribuição desigual entre as diferentes regiões do país (ZANCAN, 2000, p.4).

A ideia deste trabalho partiu da observação empírica de que os alunos de escola de ensino fundamental têm pouco ou nenhum conhecimento sobre quais as verdadeiras práticas de um sujeito ecológico. O que se percebia é que há um conhecimento, quando há, sobre algumas questões, mas nada que faça real diferença na conduta destes sujeitos a ponto que intervenham de verdade em seus ambientes.

A criação de um veículo de comunicação, que se abarcasse de técnicas jornalísticas teria como fundamento deixar as produções científicas e informais de Educação Ambiental interessantes, não somente para pesquisadores, cientistas e quem já está em cursos de graduação e pós-graduação, mas em potencial para quem poderá futuramente se interessar pela pesquisa e na utilização de ferramentas de Educação Ambiental.

No artigo Jornalismo científico: o compromisso de divulgar ciência à sociedade, os autores Rios et. al citam Oliveira (2002, p.43) que compara a atuação

do jornalista e do cientista. Mesmo falando da imprensa escrita o trecho é bastante pertinente a esta pesquisa e totalmente adaptável para a mídia televisiva. Segue-se a análise que contribuiu para a intenção deste produto.

Enquanto o cientista produz trabalhos dirigidos para um grupo de leitores, específico, restrito e especializado, o jornalista almeja atingir o grande público. A redação do texto científico segue normas rígidas de padronização e formalização universais, além de ser mais árida, desprovida de atrativos. A escrita jornalística deve ser coloquial, amena, atraente, objetiva e simples. A produção de um trabalho científico é resultado não raro de anos de investigação. A jornalística, rápida e efêmera. O trabalho científico normalmente encontra amplos espaços para publicação nas revistas especializadas, permitindo linguagem prolixa, enquanto o texto jornalístico esbarra em espaços cada vez mais restritos, e portanto, deve ser enxuto, sintético (OLIVEIRA, 2002, p. 43).

O que se defende é que o jornalismo pode se tornar um parceiro da ciência, obviamente, desde que a respeite. No entanto, em especial, fala-se aqui da importância de se conhecer o público para quem se escreve e fala, uma vez que é nele que os textos devem se focar. Afinal, é para eles que se escreve e não para os cientistas que, obviamente, tem outros instrumentos de consulta e pesquisa. Fala-se aqui da importância de se adequar o que está sendo dito a quem receberá a informação.

Não se pretende obviamente, minimizar o trabalho e o propósito da ciência, muito pelo contrário, o jornalismo seria um parceiro na tentativa de fazer com seus achados, trabalhos e pesquisas chegassem a mais pessoas. O jornalismo seria somente o escopo por onde esta produção teria voz. Teria como base seu papel primordial que Ricardo Noblat, já trouxe em seu livro (2007, p.10). “A imprensa existe para satisfazer os aflitos e afligir os satisfeitos”.

No entanto, embora a preocupação seja intrínseca ao jornalista, a divulgação de informações não é apenas necessidade deste profissional. É evidente que hoje, como nunca, ter acesso às informações não é diferencial é necessidade. Simon Blackburn foi citado na obra de Cláudio de Moura Castro (2006) “A prática da Pesquisa” (p.30), pois chama a atenção sobre o que viverá ou sobreviverá na ciência e embora sua citação não lembre diretamente o papel de passar e repassar informações faz refletir sobre o tema e a necessidade de manter as pesquisas vivas, conhecidas, seja para que cresçam ou para que novas tomem seus lugares: “A

ciência é uma selva darwiniana na qual, dando-se tempo ao tempo, somente as teorias mais bem-sucedidas produzirão descendentes para a geração seguinte”.

Pensa-se que fazer a ciência conhecida, e em especial as práticas voltadas às pesquisas com Educação Ambiental, é dever de quem a produz. E talvez quem a produz, e é o que se supõe, não consiga se fazer compreendido por todos. Bate-se aqui na tecla da democratização do acesso ao que se é produzido. Glaci T. Zancan (2000) cita em seu artigo já elencado, que a ciência não é distribuída entre todos como deveria, ora por falta de incentivo, ora por falta de interesse.

Os benefícios da ciência são, no entanto, distribuídos assimetricamente entre países, grupos sociais e sexos. O desenvolvimento científico tornou-se um fator crucial para o bem-estar social a tal ponto que a distinção entre povo rico e pobre é hoje feita pela capacidade de criar ou não o conhecimento científico (ZANCAN, 2000, p.3).

Por isso, ratifica-se aqui a importância do produto desta dissertação, e sua intenção de querer democratizar o acesso ao que é produzido referente às práticas de Educação Ambiental.

Matos (2004) já trazia em seu artigo: “Questões sobre mídia Contemporânea e avaliação”, a ideia de que informação e democracia andam juntas e se não há uma a outra certamente estaria capengando.

Pressupõe-se que embora com todas as vias de informação que nossa sociedade tem à disposição em muitos casos a comunicação chega esfacelada aos ambientes escolares, e isso não é diferente do conteúdo de Educação Ambiental.

O produto que se desenvolveu por meio da percepção que era possível aliar a Educomunicação à Educação Ambiental é uma ferramenta televisiva: um programa, destinado aos adolescentes a partir de 12 anos. A ideia é fazer com que o mesmo seja uma técnica de auxílio na concepção real de como as pessoas podem melhorar suas atitudes frente à preservação ambiental.

A ideia era criar uma ferramenta de Educação Ambiental, que procure tratar de assuntos sérios e necessários à temática, mas que os mesmos sejam

adaptáveis à compreensão e ao universo do público. Fazer do aprendizado mais presente na vida dos adolescentes.

O programa utilizou-se técnicas de jornalismo científico, mas com auxílio do jornalismo de entretenimento, pensando na destinação do público-alvo. Pensou-se em criar roteiros com temas por programa, que enfocassem atividades próximas e que estivessem presentes na vida dos pré-adolescentes e adolescentes. Os programas com cerca de 8 a 10 minutos tem personagens que fariam parte do seriado sendo fixos ou aleatórios, personagens que teriam como fundamento serem de exemplo aos estudantes que se veriam nas situações por eles apresentadas.

A divulgação do programa acontecerá por meio da TVFOA que tem interesse em reproduzir as produções entre seus programas e por meio da TV ideal, que replica tais produções. Já que seria um conteúdo de utilidade pública há a intenção de repassar as produções às ONGs e prefeituras e disponibilizá-las ainda em aportes públicos de vídeo na internet.

5.3.1 Detalhamento do produto

O programa televisivo se chama Ecopensante, conforme ilustrado na figura 1 e acontece em parceria com alunos de graduação em Jornalismo e Publicidade e Propaganda, que foram junto a esta autora coprodutores de todo o processo de construção da ferramenta midiática, como estabelece a Educomunicação.

Utilizar uma linguagem mais próxima do público infanto-juvenil foi a ideia proposta na formulação deste produto didático-jornalístico.

Ficha técnica:

Produto: ferramenta televisiva – programa de TV- Jornalismo de entretenimento

Nomenclatura: Ecopensante.

Público: adolescentes a partir de 12 anos.

Objetivo: apresentar práticas frente à preservação ambiental, relacionando-as com a realidade do aluno para que o mesmo possa compreender seu papel enquanto agente transformador.

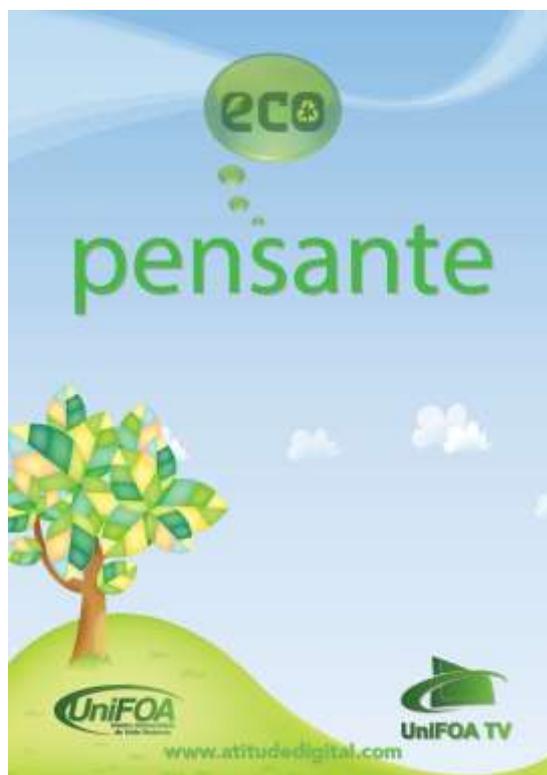
Linguagem: simples e envolvente ao público jovem, abordando temáticas comuns ao universo adolescente.

Formato: série (seriado- com temas finalizados a cada capítulo)

Divulgação: TV FOA, blog atitude digital e replicadores (TV Ideal), canal 36 e pode ser distribuído em CD, DVD e em sites de consulta pública de vídeos.

O programa já teve seu primeiro episódio gravado e já possuiu um storyboard com roteiro do segundo episódio. A seguir é possível ver o cartaz de divulgação que se pretende utilizar para a propagação da ideia junto à escola pesquisada.

Figura 1 - Proposta de cartaz de divulgação do programa:



Cartaz de divulgação do seriado proposto pela dissertação

CONCLUSÃO

As análises permitem apontar que, a hipótese inicial de que a formação ambiental está acontecendo muito superficialmente, ou quase que sem interferência real na vida dos estudantes, de fato está correta em se tratando da escola pesquisada.

De acordo com o objetivo em compreender os valores a partir das representações sociais de E.A. para estudantes levantou-se a existência da defasagem em termos de valoração e aplicabilidade destes conteúdos. Embora os mesmos possam estar sendo tratados, ainda ficam longe da realidade do indivíduo/estudante.

A utilização de conceitos do telejornalismo na formação de opinião é algo, que se considerou, vez que a TV, em especial, tem grande importância na formulação de ideais e na formatação de conhecimentos coletivos, ou de saberes práticos, como também se constatou na pesquisa, tanto entre os estudantes como entre os transeuntes.

No decorrer deste estudo, apresentou-se a proposta de aliar estratégias de comunicação de massa na formulação de ferramentas que possam ser mais atrativas ao universo do educando para fazer com que o mesmo se veja atuante e ativo frente seu papel na manutenção do equilíbrio ambiental, contribuindo para sua formação enquanto sujeito ecológico. Proposta que partiu da percepção da pesquisadora e a possibilidade de utilização da Educomunicação como nova forma de intervenção didática.

O produto desenvolvido como escopo deste estudo foi um programa de TV que pôde traduzir massivamente, como prevê os conceitos de educomunicação, as informações menos conhecidas pelos pesquisados de forma mais simples e direta. Assim, criou-se uma série com viés de entretenimento para promover conhecimentos sobre Educação Ambiental.

Pensa-se que o produto proposto por esta dissertação poderá contribuir para que os alunos compreendam mais valorosamente o que é a Educação Ambiental e mais que isso, que se coloquem como sujeitos ecológicos.

Enfim, o produto/ Ecopensante foi elaborado em prol da promoção de uma linguagem que favoreça a Educação Ambiental, onde o(a) aluno(a) vai ser o(a) protagonista do processo e o/a professor(a) o mediador de instigações para estudo e pesquisa na área.

O Ecopensante foi estruturado e produzido em parceria com alunos de graduação em Jornalismo e Publicidade e Propaganda de um Centro Universitário, reconhecido como o melhor do Estado do Rio de Janeiro pelo MEC (2012). A linguagem empregada foi a mais próxima do público infanto-juvenil, permitindo a materialização da proposta na formulação de um produto didático-jornalístico como atividade *prático-poiética*. Remeteu-se a prática freireana de fazer o aluno coprodutor do saber.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ângela Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima de Souza Santos; TRINDADE, Zeidi, Araújo. **Teoria das Representações Sociais: 50 anos**. Brasília: TechnoPolitik, 2011.

ANDRÉ, Marli (org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. Campinas: Papirus, 2001.

BAUER, Martins W.; GASKELL, George (Editores). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um Manual**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2002.

BORDENAVE, Juan E. Diaz. **O que é Comunicação**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2006.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Organização de Alexandre de Moraes. 16.ed. São Paulo: Atlas, 2000.

_____. **Lei nº 9.394** de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

_____. **Lei nº.9.795** de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental**. Resolução CNE nº 2/2012

CARVALHO, I. C. M. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo, Editora Cortez, 2004.

CASTRO, Claudio Moura. **A Prática da Pesquisa**. São Paulo: Pearson. Prentice Hall, 2006.

CASTRO, Monica Rabello de. O uso da televisão e do vídeo na educação brasileira. In: RANGEL, Mary *et al.* **Ensino-aprendizagem e comunicação**. Rio de Janeiro: Wak ed., 2010. P.71-91.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto**. 2ª ed., Porto Alegre: Artmed, 2007.

DANSEREAU, Pierre. **Ecologia Humana , ética e educação**. Editora Pallotti, 1999.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental princípios e práticas**. São Paulo, Editora Gaia,1992.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**.2ed.São Paulo:Perspectiva,sd.

FRANCO, M. L. P. B. **Contribuindo para a compreensão do conceito de ideologia**. Programa de Estudos Pós-Graduados de Psicologia da Educação da PUC/SP.

_____ **Análise de Conteúdo**. Brasília: Plano, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ªed. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1987.

GRÜN, Mauro. **Em busca da dimensão ética da educação ambiental**. São Paulo: Papyrus, 2007.

HAMMES, Valéria Sucena. Educação Ambiental. In: _____ (ed.). **Construção da proposta pedagógica**. São Paulo: Globo, 2004.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: Edusc, 2001.

KINDEL, Eunice Aita Isaia. Uma nova maneira de ensinar sobre a natureza. **Pátio**, Porto Alegre, V.8, n.25, p.8-10.out/dez., 2010.

LIMA; MELO. 2008. **Educomunicação e Meio Ambiente**.<
<http://educambiental.wordpress.com/2011/04/24/educomunicacao-ambiental-2/>>
Acessado em 20 de abril de 2013.

MATOS, H. H. G. . Questões sobre a mídia contemporânea. In: Boanerges Lopes; Roberto Fonseca Vieira. (Org.). **Jornalismo e Relações Públicas: Ação e Reação**. Uma perspectiva conciliatória possível. 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social sobre a Psicanálise**. Rio de janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Ed.:Vozes, 2003.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2007.

NOVIKOFF, C. Dimensões Novikoff: um constructo para o ensino-aprendizado da pesquisa. In ROCHA, J.G. e NOVIKOFF, C. (orgs.). **Desafios da práxis educacional à promoção humana na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Espalhafato Comunicação, p. 211-242, 2010.

PECHULA, Márcia Reami. A ciência nos meios de comunicação de massa: divulgação de conhecimento ou reforço do imaginário social?. **Ciência & educação**, Bauru, V.13, n. 2, p.211- 222,ago/dez. 2007.

PEDRINI, Alexandre de Gusmão. Trajetórias da Educação Ambiental. In: _____ (org). **Educação Ambiental**: reflexões e práticas contemporâneas. Petrópolis: Vozes, 2001.

PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo**. Rio de Janeiro: Contexto, 2005.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 2007.

RIOS, Aline de Oliveira *et al.* **Jornalismo científico**: o compromisso de divulgar ciência à sociedade A comunicação entre jornalistas e pesquisadores e a responsabilidade social na disseminação de informações científicas. IN <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/sociais/article/viewFile/2785/2070>>. Acessado em 23 de janeiro de 2012.

ROSSI, Clóvis. **O que é Jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SAUVÉ, L. **Pour une éducation relative à l'environnement**. Montréal/ Paris: Guérin/Eska,1994.

SOARES. Ismar de Oliveira. **Uma educomunicação para cidadania**. NCE-USP. In <<http://www.usp.br/nce/aeducucomunicacao/saibamais/textos>> Acessado em: 12 de março de 2013.

ZANCAN, GLACI T. **Educação científica:** uma prioridade nacional. São Paulo. Perspec., Jul 2000.

ANEXO 1 - PARECER DO CEP

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
VOLTA REDONDA -
UNIFOA/FUNDAÇÃO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Relação entre o jornalismo e a Educação Ambiental: um estudo das representações sociais

Pesquisador: Angélica Aparecida Silva Arieira

Área Temática: Área 9. A critério do CEP.

Versão: 2

CAAE: 05727512.6.0000.5237

Instituição Proponente: FUNDACAO OSWALDO ARANHA

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 118.954-2

Data da Relatoria: 02/10/2012

Apresentação do Projeto:

A legislação prevê que todos os profissionais da educação nacional apliquem conhecimentos referentes à Educação Ambiental, independente da disciplina que ministrem ou do ano serial em que atuem. Nesta perspectiva, a pesquisadora pretende conhecer se os estudantes do segundo segmento tiveram algum contato com conteúdos correlatos, relacionados e diretos à importância da Educação Ambiental na vida e em suas relações sociais, enquanto sujeitos pró-ativos. Bem como questionar como ocorre tal abordagem dentro das salas de aula e como está havendo a compreensão real destes conceitos pelos alunos. Por fim, pretende-se com a pesquisa compreender que representações sociais os alunos do segundo segmento da Educação Fundamental têm acerca da Educação Ambiental e como os conhecimentos são postos em prática.

Objetivo da Pesquisa:

- Verificar se os profissionais da educação nacional aplicam conhecimentos referentes à Educação Ambiental, independente da disciplina que ministrem ou do ano serial em que atuem;
- conhecer se os estudantes do segundo segmento tiveram algum contato com conteúdos correlatos, relacionados e diretos à importância da Educação Ambiental na vida e em suas relações sociais, enquanto sujeitos pró-ativos;
- criar um programa televisivo de jornalismo científico para promover a democratização do saber sobre Educação Ambiental, com a participação popular e científica;
- questionar como ocorre tal abordagem dentro das salas de aula e como está havendo a compreensão real destes conceitos pelos alunos;

Endereço: Avenida Paulo Erlei Alves Abrantes, nº 1325
Bairro: Prédio 01 - Bairro Três Poços **CEP:** 27.240-560
UF: RJ **Município:** VOLTA REDONDA
Telefone: (24)3340-8400 **Fax:** (24)3340-8404 **E-mail:** foa@foa.org.br; rosana.ravaglia@foa.org.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
VOLTA REDONDA -
UNIFOA/FUNDAÇÃO**



- compreender que representações sociais os alunos do segundo segmento da Educação Fundamental têm acerca da Educação Ambiental e como os conhecimentos são postos em prática

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisadora, com base em algumas ações destinadas a proteção da imagem do autor, acredita que não há riscos na pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de pesquisa relevante para o meio acadêmico e profissional, pois busca o conhecimento sobre o contato dos estudantes com conteúdos de Educação Ambiental na vida e em suas relações sociais.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória foram apresentados.

Recomendações:

Não há outras recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto, após o cumprimento das exigências apontadas em primeira análise, pode ser considerado aprovado.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Sim

Considerações Finais a critério do CEP:

Aprovado.

O presente projeto, seguiu nesta data para análise da CONEP e só tem o seu início autorizado após a aprovação pela mesma.

VOLTA REDONDA, 09 de Outubro de 2012

Assinador por:
Úrsula Adriane Fraga Amorim
(Coordenador)

Este parecer reemitido substitui o parecer número 118954-1 gerado na data 09/10/2012 22:53:24.

Endereço: Avenida Paulo Erlei Alves Abrantes, nº 1325
Bairro: Prédio 01 - Bairro Três Poços CEP: 27.240-660
UF: RJ Município: VOLTA REDONDA
Telefone: (24)3340-8400 Fax: (24)3340-8404 E-mail: foa@foa.org.br; rosana.ravaglia@foa.org.br

ANEXO 2 - TABELA DE ANÁLISE DAS DIMENSÕES NOVIKOFF (2010)

TABELA DE ANÁLISE DE TEXTOS ACADEMICOS-CIENTÍFICOS, segundo as Dimensões Novikoff

PERÍODO DO ESTUDO: Início:-----/-----/----- Término: -----/-----/-----

1.0 Tipo de texto ()

Dissertação Profissionalizante (DP)	Tese (T)	Artigo (Ar)
Dissertação Acadêmica (DA)	Resenha (Re)	Livro (Lv)

1.1 Análise textual e temática Resumo: Cole aqui o resumo e depois fragmente cada parte na tabela abaixo. Em seguida faça a sua análise interpretativa, discorrendo sobre as possíveis lacunas e/ou problemas que você entender como tal.

DIMENSÃO EPISTEMOLÓGICA	Título/AUTOR Descrever a obra de acordo com a ABNT.	
	Tema do artigo	
	Palavras-chave/unitermos	
	Objeto: Descrever aquilo que o autor esta estudando/analizando	
	Objetivo: Descrever o objetivo de acordo com o autor.	
	Fundamentação e Justificativa: Descrever o que o autor aponta como sendo importante no artigo dele.	
	Problema: Descrever o que o autor questiona ou levanta como sendo necessário estudar.	
	Pressupostos/hipóteses Destaque da ideia que se tem sobre o problema ou possível resposta.	
	Finalidade da pesquisa: Marque apenas um X nas alternativas.	() Teórica () Aplicada () Teórico-aplicada
DIMENSÃO TEÓRICA	Teorias/conceitos/teóricos(ano): Descrever os conceitos mais importantes do artigo, destacando o autor citado e o ano.	
DIMENSÃO TÉCNICA	Método: Marque um X na alternativa adequada e <u>descreva</u> o método/técnica de coleta e análise de dados que o autor usou. Se a pesquisa for de campo, descreva a amostragem.	Abordagem Qualitativa () Abordagem Quantitativa () Abordagem Mista ()
DIMENSÃO MORFO LÓGICA	Resultados	
DIMENSÃO ANALÍTICO- CONCLUSIVA	Conclusão	
	Algumas referências	

1.2 Análise Interpretativa:

APÊNDICE 1**ENTREVISTA / QUESTIONÁRIO SÓCIO-CULTURAL – Estudantes**

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO-SENSU EM MESTRADO
PROFISSIONAL EM ENSINO DE CIÊNCIAS, SAÚDE E MEIO AMBIENTE

PESQUISA para Conclusão de Curso

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a Cristina Novikoff

PESQUISADORA: Angélica Aparecida Silva Arieira

Caro participante da pesquisa

Este material de coleta de dados/informações faz parte da pesquisa em desenvolvimento, no UNIFOA, em Volta Redonda, no curso de Mestrado em Ensino de Ciências da Saúde e Meio Ambiente, intitulada “Relação entre o jornalismo e a Educação Ambiental: um estudo das representações sociais”. Sua participação e respostas honestas são importantes para esta pesquisa, uma vez que elas permitirão criar um programa televisivo de difusão do conhecimento científico sobre Educação Ambiental.

Agradeço, desde já, toda a sua atenção e colaboração neste estudo.

Atenciosamente,

Angélica Aparecida Silva Arieira

Dados Gerais:

Nome: _____ Matrícula: _____

Sexo: M () F () Idade ____ anos

Data: ____/____/ 2012

Questionário para alunos

1. Qual conteúdo que você mais viu na sua escola em se tratando da matéria de ciências?

2. Você sabe o que é Educação Ambiental? Explique :

() Sim () Não

3. Você já teve alguma aula de Educação Ambiental na sua escola?

() sim () não () uma vez

4. Qual (is) a(s) disciplina(s) que trata(m) do tema Educação Ambiental na sua escola?

5. Quais as práticas de Educação Ambiental que você adota?

6. Onde você e sua família costumam descartar os remédios que já não usam mais?

7. Você faz o que com seu óleo de cozinha depois que fritou os alimentos e não serve mais para cozinhar?

8. Quanto tempo você leva tomando seu banho?

9. Se você está na rua comendo um lanche e percebe que não tem lixeira o que faz com o lixo que sobrou?

10. O que você faz com pilhas e baterias que não usa mais?

Apêndice 2

Entrevista/ QUESTIONÁRIO SÓCIO-CULTURAL – Transeunte de Feira Livre

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO-SENSU EM MESTRADO
PROFISSIONAL EM ENSINO DE CIÊNCIAS, SAÚDE E MEIO AMBIENTE

PESQUISA para Conclusão de Curso

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a Cristina Novikoff

PESQUISADORA: Angélica Aparecida Silva Arieira

Caro participante da pesquisa

Este material de coleta de dados/informações faz parte da pesquisa em desenvolvimento, no UNIFOA, em Volta Redonda, no curso de Mestrado em Ensino de Ciências da Saúde e Meio Ambiente, intitulada “Relação entre o jornalismo e a Educação Ambiental: um estudo das representações sociais”. Sua participação e respostas honestas são importantes para esta pesquisa, uma vez que elas permitirão criar um programa televisivo de difusão do conhecimento científico sobre Educação Ambiental.

Agradeço, desde já, toda a sua atenção e colaboração neste estudo.

Atenciosamente,

Angélica Aparecida Silva Arieira

Dados Gerais:

Nome: _____

Sexo: M () F () Idade ____ anos

Formação:

() Ensino Fundamental 1º segmento : () Completo () Incompleto completo

() Ensino Fundamental 2º: () Completo () Incompleto segmento incompleto

() Ensino Médio: () Completo () Incompleto

() Ensino Superior : () Completo () Incompleto

() Outro: _____

Data: ___/___/ 2012

Questionário para transeuntes em feiras livres

Você já ouviu falar de sustentabilidade? () sim () Não

Se sim , o que você saberia dizer sobre isto?

O que você acha que vai acontecer com **o Planeta Terra**?

O que o homem pode fazer para cuidar do **Planeta**?

Livre

APÊNDICE 3

Roteiro 1

Série Ecopensante

Episódio 01 – Amor descartável

Cena 1 – Mari e sua amiga na sala de aula.

Em sala de aula, os alunos do 9º ano assistem a uma aula sobre o consumo consciente. Enquanto alguns se mostram interessados no assunto, Mari, perdida em pensamentos, desenha corações em seu caderno.

Notando a expressão apaixonada de Mari, Tati, sua amiga, resolve descobrir o que está se passando com a amiga.

Tati: Mari... – Tati chama a amiga em tom baixo para não atrair a atenção da professora.

Tati: Mari... – A chama mais uma vez.

Tati: Mariana! – Usa um tom um pouco mais alto. Mari se assusta, olhando para a amiga com uma expressão de reprovação.

Mari: O que que foi? Quer me matar do coração? – Mari fala baixo, repreendendo a amiga por tê-la despertado de seus pensamentos.

Tati: Eu que pergunto, porque você tá com essa cara de apaixonada? – Pergunta Tati.

Tati: E o que são esses corações desenhados no seu caderno? – Tati pega o caderno da amiga, dando uma olhada na folha cheia de corações.

Mari: Para de pegar no meu pé. – Reclama Mari, pegando o caderno de volta.

Tati: Tá, mas me explica. O que é isso? – Tati aponta para o caderno curiosa.

Cena 2 - Mari pensa no amado com folhas e mais folhas de coraçõezinhos desenhados em seu caderno. (imagem dele em balão de pensamento)

Mari: Sabe o Thiago? – Tati confirma com a cabeça. – Terminei com ele. – Mari levanta os ombros. – Estou perdidamente apaixonada pelo Igor, já viu como ele é lindo? – Mari suspira. – Adoro o jeito de liderança dele, e como ele consegue conversar com todo mundo.

Tati olha para a amiga sem acreditar no que ela está dizendo.

Tati: E o Thiago? – Pergunta Tati. – Você dizia a mesma coisa sobre o Thiago.

Mari: Esquece o Thiago – Mari estala os dedos em frente ao rosto da amiga. – Foca no Igor, eu estou apaixonada pelo Igor.

Cena 3 – Tati dá conselho

Tati olha em volta, e nota Igor totalmente concentrado na aula. Dá um breve suspiro e resolve que talvez ele não seja tão ruim assim para amiga.

Tati: Tá, ele é bonitinho, mas você sabe que ele é todo ligado nessas coisas ambientais e você é a pessoa mais consumista do planeta. – Explica Tati.

A professora chama a atenção das duas, e ambas voltam a tentar prestar atenção na aula.

Enquanto Tati e Mari caminham pelo corredor, Mari observa Igor conversando com um grupo de amigos.

Mari: Olha pra ele, amiga, tão lindo. – Fala Mari animada.

Tati: Se você realmente quer ficar com ele, acho que vai ter que mudar um pouco seu comportamento – Sugeriu Tati.

Mari: Como assim? Olha pra ele – Mari aponta discretamente pra Igor. – E olha pra mim, somos compatíveis.

Tati ri.

Cena – 4 - No outro dia, as amigas estão passeando na rua depois de saírem do shopping

Mari: Amiga, não consigo parar de pensar no Igor, como faço para ele me notar?

Tati: Enquanto for deste jeito e manter esse comportamento consumista acho difícil ele gostar de você. (disse Tati olhando para as sacolas de Tati)

Mari olha para Tati sem entender o que ela diz.

Tati: Você sabe o que é comportamento consumista, certo? – Mari nega com a cabeça.

Tati: Sério que você não escuta nada enquanto fica rabiscando coração no caderno? – Mari dá os ombros, e Tati revira os olhos, desaprovando o comportamento da amiga.

Mari: Vai amiga, me ajuda, como eu faço pra conquistar ele? – Mari faz cara de pidona para amiga, e Tati suspira, decidindo ajudar Mari.

Cena 5 – Mari começa a cair na real - As amigas estão conversando e Mari está com cara de que está curiosa

Tati: Primeiro, comece a prestar mais atenção as aulas. É um ótimo começo. A segunda coisa a se fazer é parar de comprar esse monte de coisas. – Tati aponta para as sacolas de Mari.

Mari: Mas eu preciso dessas coisas pra conquistar o Igor. – Argumenta Mari.

Tati: Lembra quando você estava “apaixonada” pelo Thiago ... – Tati faz aspas com os dedos ao falar a palavra apaixonada. - ... e comprou uns trinta cosméticos pra ver se ele te achava mais bonita?

Cena 6 – Mari lembra que no dia anterior em que voltou a comprar cremes.

Mari apenas concorda com a cabeça e diz claro que lembro. A propósito amiga, ontem eu só comprei dez cremes pra minha pele... – Comenta Mari com cara de contente

Tati: Você fez o que? – Pergunta Tati irritada com a amiga.

Cena 7 – Mari está jogando as embalagens de cremes, sacolas e embrulhos no lixo comum.

Mari: Mas eu diminuí o numero de cremes. – Argumenta Tati. – E além do mais, eu preciso desses cremes, ou você acha que é fácil ter esse rosto? – Mari aponta para o próprio rosto.

Tati: Mari, você nunca vai conseguir usar dez cremes de uma vez! Já parou pra pensar em como isso pode prejudicar o meio ambiente?

Mari: Mas eu já joguei fora... – Mari fala como se fosse óbvio. – Pra que eu ia querer aqueles cremes se eu não ia mais usar?

Tati: É exatamente disso que eu to falando! - Explica Tati. – Porque comprar trintas cremes e depois jogar tudo fora? Se você realmente quer conquistar o Igor, vai ter que ter uma atitude um pouco mais consciente.

Cena 8 - Mari fica um tanto pensativa, mas acaba entendendo o que a amiga está querendo dizer.

Mari: Acho que eu já sei o que eu tenho que fazer. – Mari diz pensativa.

Tati: Acho que você precisa prestar mais atenção nessas suas atitudes impulsivas de consumo... – Explica Tati. - Toda vez que você compra um produto contribuiu de alguma forma para que os recursos naturais sejam explorados pelo homem.

Mari: Pior que eu já tirei os cremes dos potes e joguei tudo fora. – Diz desapontada. – Agora que o Igor nunca vai prestar atenção em mim. Como eu sou uma pessoa ruim e que só penso em mim - conclui ela.

Cena 9 – Mostrando o lixão

Tati: Aquelas inúmeras sacolas e embalagens que vem nos produtos são feitas de plástico. O plástico que vem do petróleo. Todos os produtos derivados do petróleo demoram muitos anos até que sumam por completo da natureza, até lá vão fazer sujeira na cidade, caso não sejam reciclados, ou vão parar no lixão.

Mari pensa...

Cena 10 – Mostrando o desmatamento

Tati: E tem também as embalagens de papel que são feitas por meio da derrubada de árvores e quase ninguém se dá conta. Inclusive a senhora, que gasta folhas e mais folhas do caderno, sem necessidade, desenhando coraçõezinhos...

Cena 11 - Mari fica chateada.

Mari: Droga... – Resmungo Mari. – Se eu soubesse disso antes, talvez tivesse pensado em alguma coisa pra poder reciclar ou sei lá. – Mari dá os ombros decepcionada. – Eu sou mesmo horrível, se fosse o Igor também não daria bola pra mim.

Tati: Mas você sabe que pode melhorar, não sabe? – Incentiva Tati. – Eu vou te ajudar.

Cena 12 - Tati mostrando camisa eco

Mari: E como você vai me ajudar? – Pergunta Mari um pouco mais animada.

Tati começa a dar algumas dicas para a amiga.

Tati: Comece jogando na hora do intervalo o lixo do seu lanche nos lugares corretos. O Igor vai achar sua atitude legal. Diga a ele que está pensando em reaproveitar as embalagens que tem em casa nos projetos de ciência e mude suas atitudes, se preocupando mais em ajudar o meio ambiente.

Cena 13 - Mari e Tati chegam juntas a escola, e encontram Igor distribuindo panfletos de consumo consciente na porta da escola.

Mari: Ele não é lindo todo preocupado com o meio ambiente? – Fala Mari com uma cara de boba apaixonada.

Tati: Porque você não vai lá dar uma ajuda pra ele?

Tati segura o material da amiga e a empurra na direção de Igor. Mari se aproxima do garoto envergonhada e se oferece para ajudar a distribuir os panfletos.

Igor sorri, e entrega alguns panfletos para Mari, admirando a atitude da garota.

Cena 14 - No intervalo, Mari percebe Igor falando para um grupo de amigos no microfone do Ecopensante. Mari fica observando o garoto de longe, quando sua amiga Tati se aproxima.

Tati: Viu como ele é bem preocupado com o meio ambiente? – Tati sorri.

Mari: Vi, e eu acho muito legal esse jeito dele de se preocupar com essas coisas – Suspira Mari, com uma cara de apaixonada.

Tati e Mari se juntam ao grupo de alunos para ouvir o que Igor está falando.

Mais tarde, Tati e Mari se juntam aos alunos para ajudar a separar o lixo e embalagens que podem ser usadas para a reciclagem.

Mari demonstra cada vez mais interesse sobre o assunto, e deixa Tati orgulhosa.

Cena 15 - No intervalo, Tati observa Mari jogar o lixo orgânico no lugar correto.

Igor vê e se aproxima para conversar com Mari.

Tati sorri vitoriosa, fazendo sinal para que a amiga continue a conversa com Igor.

Uma garota se aproxima de Mari, interrompendo sua conversa com Igor. Ela oferece alguns produtos do seu catálogo de revenda de cosméticos, mas Mari nega.

Tati observa a cena, e se anima com a atitude da amiga.

Cena 16 - Alguns dias depois, Tati vê Mari chegar na escola de mãos dadas com Igor. Tati cumprimenta o casal, e chama Mari para conversar.

Tati: Não é que você conseguiu mesmo conquistar o Igor. – Comenta Tati animada.

Mari: Eu não teria conseguido isso sem você. – Mari sorri, abraçando a amiga.

Tati: Eu fico muito feliz por você.

Cena 17- Mari e Tati comemoram a nova atitude ecológica e a conquista do amor

Mari: Sabe amiga, eu realmente gosto dele. Essa preocupação com o meio ambiente me conquistou. Não sabia como minha atitude podia ser tão ruim para o planeta e como eu poderia mudar para fazer um mundo melhor. Obrigada por você ter me dado aqueles conselhos. Não quero mais amores descartáveis. Descartável agora só o lixo para eu reciclar.

Mari, mostra a garrafinha para Tati e elas se abraçam